

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE LETRAS BACHARELADO**

**DO PRESENTE AO PASSADO: A CATEGORIA
TEMPO NAS NARRATIVAS ORAIS DE IDOSOS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Andressa Marchesan

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

DO PRESENTE AO PASSADO: A CATEGORIA TEMPO NAS NARRATIVAS ORAIS DE IDOSOS

Andressa Marchesan

Monografia apresentada ao Curso de graduação Letras Bacharelado, da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito
parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Gil Roberto Costa Negreiros

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Curso de Letras Bacharelado**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia**

**DO PRESENTE AO PASSADO: A CATEGORIA TEMPO NAS
NARRATIVAS ORAIS DE IDOSOS**

elaborada por
Andressa Marchesan

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Letras

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Gil Roberto Costa Negreiros
(Presidente/Orientador)

Prof^a. Dr^a. Larissa Montagner Cervo
(Universidade Federal de Santa Maria – UFSM)

Santa Maria, 09 de dezembro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo. Por ter feito a escolha correta do tema, por dar-me a oportunidade de ouvir e compreender os ensinamentos dos idosos. Agradeço todas as conquistas e vitórias alcançadas durante a minha vida.

Ao orientador Professor Doutor Gil Roberto Costa Negreiros, pelo auxílio durante todo o processo de composição deste trabalho e por todas as sugestões relacionadas à escolha e definição do tema.

A idosa, sujeito da pesquisa, pela disponibilidade e ensinamento.

Agradeço a minha família, a minha mãe e a meu pai do coração Dioneu pelo incentivo nos momentos mais difíceis. A dedicação e esforço feito para que eu concluísse a graduação. Sem vocês, não chegaria até aqui, vocês fazem parte desta conquista.

A todos os professores que colaboraram no processo de ensino-aprendizagem. Aos colegas que me auxiliaram quando precisava copiar o conteúdo do quadro.

Obrigada a todos vocês.

“Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente”.

Ecléa Bosi

RESUMO

Monografia
Centro de Artes e Letras
Universidade Federal de Santa Maria

DO PRESENTE AO PASSADO: A CATEGORIA TEMPO NAS NARRATIVAS ORAIS DE IDOSOS

AUTORA: ANDRESSA MARCHESAN

ORIENTADOR: GIL ROBERTO COSTA NEGREIROS

Data e Local de Defesa: Santa Maria, 09 de dezembro de 2015.

Este estudo tem como tema a categoria temporal nas narrativas orais de idosos. Temos como objetivo principal estudar o papel dessa categoria nas narrativas orais de idosos, sob a perspectiva da Sociolinguística Interacional, analisando uma interação face a face entre o documentador e um informante idoso. Especificamente, investigamos como se dá a referência ao tempo a partir de fenômenos como a descontinuidade da fala, os arcaísmos, os dêiticos e de outras marcas linguísticas. O estudo do *corpus* revela que fatores socioculturais atuam sobre o sujeito. Por se tratar de um assunto pouco pesquisado na área da Linguística, o estudo torna-se relevante, pois observar a fala de um idoso pode ser um fator importante para desvendar aspectos sociais específicos que o cercam, como, por exemplo, as tentativas de relatar as experiências de vida por meio das lembranças transformadas em narrativas. Os resultados mostram que a marca de espaço, a distinção entre o tempo passado e o tempo presente, a descontinuidade da fala, os arcaísmos e a hesitação são características que manifestam e reforçam o valor que o idoso dá ao “ontem” em relação ao presente.

Palavras-chave: Interação. Idoso. Tempo. Sociolinguística Interacional/ Análise da Conversação. Língua Falada.

RESUMEN

Monografía
Centro de Artes e Letras
Universidade Federal de Santa Maria

DEL PRESENTE AL PASADO: LA CATEGORÍA TIEMPO EN NARRATIVAS ORALES DE ANCIANOS

AUTORA: ANDRESSA MARCHESAN
ORIENTADOR: GIL ROBERTO COSTA NEGREIROS
Data e Local de Defesa: Santa Maria, 09 de dezembro de 2015.

Este estudio tiene como tema la categoría temporal en las narraciones orales de ancianos. Nuestro principal objetivo es estudiar el papel de esta categoría en las narraciones orales de personas mayores, desde la perspectiva de la Sociolingüística Interaccional, a partir del análisis de una interacción cara a cara entre el documentalista y un informante de edad avanzada. En concreto, se investiga cómo es la referencia al tiempo, observando fenómenos como la discontinuidad del habla, los arcaísmos, los deícticos y otros rasgos lingüísticos. El estudio del *corpus* revela que los factores socioculturales actúan sobre el sujeto. Debido a que es un tema poco investigado en el campo de la Lingüística, el estudio es relevante, porque observar el habla de un anciano puede ser un factor importante para conocer los aspectos sociales específicos que lo rodean, por ejemplo, los intentos de informar experiencias de la vida, a través de los recuerdos transformados en narraciones. Los resultados muestran que la marca de espacio, la distinción entre el tiempo pasado y el tiempo presente, la discontinuidad del habla, los arcaísmos y vacilaciones son características que manifiestan y refuerzan el valor que el anciano da al "ayer" en relación al presente.

Palabras clave: Interacción. Anciano. Tiempo. Sociolingüística Interaccional/ Análisis de la Conversación. Lengua hablada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A SOCIEDADE E O IDOSO	11
2 A LINGUAGEM E O IDOSO	17
2.1 Aspectos teóricos relevantes.....	17
2.1.1 Conceitos essenciais e história da Sociolinguística Interacional	23
2.2 Aspectos metodológicos do trabalho.....	25
3 DO PRESENTE AO PASSADO: A CATEGORIA TEMPO NAS NARRATIVAS ORAIS DE IDOSOS.....	26
3.1 Categoria tempo	26
3.2 Marca de espaço	32
3.3 Descontinuidade da fala	33
3.4 Hesitação	34
3.5 Arcaísmos.....	37
3.6 Dêiticos	40
3.7 Footing e narrativa do tipo reprodução	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXO A - Normas para transcrição de entrevistas gravadas	47
ANEXO B – Transcrição da entrevista	49

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, envelhecer é passar por uma transformação na construção da própria imagem em relação ao meio em que se vive. O idoso perante a sociedade, quase sempre, perde seu *status*, não tem mais uma profissão, passa a ser visto simplesmente como “um velho”, profundamente estigmatizado, alguém em busca de um novo papel social.

O trabalho que se propõe estuda a categoria de tempo nas narrativas orais de idosos. Pauta-se nos estudos linguísticos, especificamente na teoria da Sociolinguística Interacional (doravante SI), em que se analisa a interação face a face, a situação social em que ocorre a conversação. O estudo da linguagem dos idosos revela que fatores socioculturais atuam sobre eles, “na sua interação verbal com outros falantes na comunidade” (PRETI, 1991, p. 15).

No contexto desse estudo, a pergunta central é: que papel a categoria de tempo exerce nas narrativas orais de idosos?

Para chegar a essa resposta, temos como objetivo principal estudar o papel da categoria de tempo nas narrativas orais de idosos, analisando uma interação face a face entre o documentador e um informante idoso. Como objetivos específicos, pretendemos analisar a influência da categoria de tempo dentro da descontinuidade da fala, dos arcaísmos, dos dêiticos, da marca de espaço nas narrativas orais de idosos.

Adotamos para o desenvolvimento desse estudo, as seguintes hipóteses: (a) a categoria de tempo é um fenômeno decisivo na organização referencial do idoso, que vive, geralmente, voltado para o seu passado; (b) a categoria de tempo evidencia a linguagem peculiar dos idosos, por meio do uso de marcas temporais e lexicais do passado, tais como: “naquela época”, “naquele tempo”, arcaísmos e (c) a hesitação indica a busca na memória dos vocábulos esquecidos, que pertencem ao tempo passado.

Por se tratar de um assunto pouco pesquisado na área da Linguística, o estudo torna-se relevante. Observar a fala de um idoso pode ser um fator importante para entender aspectos interacionais relativos a esse sujeito, que muitas vezes tenta demonstrar sua experiência de vida através de seus relatos e/ou narrativas.

Para investigar aspectos interacionais de uma conversação face a face, é necessário selecionar uma teoria que examine essa perspectiva. E a SI tem esse propósito, preocupando-se em estudar o que está acontecendo em uma dada interação.

Gostaríamos de valorizar e dar mais atenção a esse grupo muitas vezes desprestigiado na sociedade atual. Os idosos possuem muitos papéis fundamentais na sociedade, dentre os quais a transmissão de seus conhecimentos sobre inúmeros aspectos da vida aos mais jovens.

Essa monografia será composta das seguintes partes:

- Capítulo 1- A sociedade e o idoso: apresentam-se alguns estudos sobre os principais aspectos sociais relacionados aos idosos.
- Capítulo 2 – A linguagem e o idoso: demonstra ao leitor aspectos linguísticos sobre a linguagem dos idosos e aspectos da teoria escolhida para esse estudo, a Sociolinguística Interacional. Também se explica como foi realizada e transcrita a entrevista com a idosa e se indica que é um estudo de natureza indutiva e de caráter qualitativo.
- Capítulo 3 – Do presente ao passado: a categoria tempo nas narrativas orais de idosos: é feita a análise de fragmentos relevantes da entrevista gravada com a idosa de 81 anos para demonstrar a relevância da categoria tempo na narrativa oral de idosos.
- Em seguida, indicaremos a relevância da categoria tempo nas narrativas orais de idosos, a referência utilizada e os anexos.

1 A SOCIEDADE E O IDOSO

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os idosos somavam 23,5 milhões de brasileiros em 2011, mais que o dobro do registrado em 1991, quando essa faixa etária contabilizava 10,7 milhões de pessoas. Conforme uma estimativa do IBGE, baseada no Censo de 2010, a população idosa será de 58, 4 milhões, em 2060. Isso demonstra a tendência ao envelhecimento da população brasileira¹.

A partir dessa situação, longe de uma valorização dos idosos na comunidade, o que se nota é que a idade constitui um fator de discriminação social (PRETI, 1991), pois um homem, quando atinge essa fase da vida, a velhice, passa por um processo de transformação em relação à própria imagem no meio em que vive. “Perde sua própria identidade: um velho, perante a sociedade e o grupo jovem, não tem mais nome nem profissão, muito menos *status*” (PRETI, 1991, p. 22).

Torna-se somente “um velho”, alguém que está em busca de um novo papel social, que sempre lhe apresentará de forma indefinida. Isso fica evidente em um fragmento de Bosi: “o velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem” (1994, p. 79).

“Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social” (BOSI, 1994, p. 77). Pode-se afirmar que os idosos, além de constituírem uma faixa etária, também são uma “categoria social”, profundamente estigmatizada, em oposição à categoria dos jovens, pois “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor” (BOSI, 1994, p. 77).

Segundo Bosi, a velhice é um fator natural, visto preconceituosamente pelo outro, ou seja, não há como o idoso conceber sua imagem, assim como ela é para os outros.

¹ Essas informações foram encontradas nos sites a seguir:

BBC BRASIL. Número de idosos no Brasil vai quadruplicar até 2060, diz IBGE. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130829_demografia_ibge_populacao_brasil_lgb>.

Acesso em: 24 mai. 2015.

BRASIL. Secretaria de direitos humanos. Dados sobre o envelhecimento no Brasil. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoaidosa/dadosestatisticos/DadosobreoenvelhecimentoNoBrasil.pdf>>.

Acesso em: 24 abr. 2015.

A sociedade prega uma moral contraditória em relação ao idoso, pede respeito ao idoso, enquanto tenta convencê-lo a ceder seu lugar aos mais jovens, tenta afastá-lo de tomar decisões e que nos poupe de ouvir seus “velhos” conselhos, resignando-os a um papel passivo, sem “voz” alguma, totalmente dependente do outro.

O idoso se encontra constantemente em um impasse, em busca de padrões de comportamento prestigiados que lhes defenda a imagem social. Por um lado, isso o torna mais inseguro, temeroso de cometer erros que não seriam aceitos pelos jovens. Quando falha essa constante adaptação, surge uma característica que é marcante na velhice, a autodesvalorização.

Por outro lado, na sociedade atual:

Os fracos não podem ter defeitos; portanto, os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, longanimidade, perdão, ou uma abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar (BOSI, 1994, p. 76).

Esse processo discriminatório demonstra um elemento central e que acompanha o idoso, a recordação do passado. Segundo Bosi, “neste momento de velhice social, resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade” (BOSI, 1994, p. 63). A lembrança é um caminho de conforto e reconhecimento para o idoso, que vive à margem na sociedade:

Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância (BOSI, 1994, p. 82).

A conversa evocativa do idoso é uma experiência profunda, transmitida com nostalgia, semelhante a uma obra de arte (BOSI, 1994).

Como vimos, o idoso é aquele que vive à margem da sociedade, sem perspectivas para o futuro, por isso ele busca um conforto na memória passada, pois se o tempo atual não compreende seu pensamento, o tempo passado, através das

recordações, irá fazer-lhe sentir mais seguro e confiante. A recordação recupera coisas que, ao perdê-las, faz-lhe sentir diminuído.

Importa também ressaltar outro aspecto recorrente na velhice, que é a lembrança. Para Bosi, “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança” (BOSI, 1994, p. 53). A memória é uma reserva crescente a cada instante e que dispõe da nossa experiência adquirida. Conforme Bosi, “a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente” (BOSI, 1994, p. 89).

Bosi apresenta em sua obra o pensamento de Halbwachs², que acredita que a evocação do adulto se opõe ao do idoso. Enquanto que o adulto ativo vivencia a vida prática, para ele a memória é apenas fuga, lazer e contemplação. O idoso se ocupa constantemente do próprio passado. Em suma, o idoso se interessa e procura pelo passado muito mais que o adulto.

Ao transmitir as lembranças do passado, o idoso está narrando e transmitindo suas experiências ao ouvinte. Podemos afirmar que o idoso é um narrador, pois vence distâncias no espaço e volta no tempo através de sua memória para contar suas aventuras.

Após ressaltar alguns aspectos peculiares da velhice, como a recordação e o passado, apresentamos a seguir, a partir de uma perspectiva antropológica, alguns mitos que a sociedade necessita ultrapassar em relação aos idosos: o lugar estereotipado que o aparente cuidado social impõe aos idosos. Isso se contrapõe ao papel ativo que este exerce no que tange à economia familiar. Outro mito é olhar todos idosos a partir de uma perspectiva geral e ampla. Entretanto, cada um apresenta uma experiência única, cada um retoma constantemente dados da sua história e os reconstrói conjuntamente com o presente. Essa etapa da vida, a velhice, pode ser ou um período de decadência, de isolamento ou um período de amadurecimento.

Ainda sob a perspectiva antropológica, podemos afirmar que a velhice não é uma categoria natural, mas uma categoria socialmente produzida, pois todas as

² Esse autor foi citado ao longo do livro *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi. Esta comenta que Halbwachs é o principal estudioso das relações entre memória e história pública e vai apontando seus principais pensamentos. Para consulta, ver HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Félix Alcan, 1925.

representações, ou seja, a imagem que temos sobre o idoso adquire um significado particular em contextos sociais e culturais distintos. Outro aspecto importante a ressaltar é que as categorias de idade são construções sociais e não somente um processo biológico (DEBERT, s/d).

Como a velhice é uma construção social, ela deve revestir-se de valor. Entretanto, geralmente, esse valor é negativo, pois a sociedade mantém e reproduz a ideia de que a pessoa vale quanto ganha e quanto produz, como o idoso já não produz e ganha pouco, é considerado um ser descartável, inútil (OLIVEIRA, SCORTEGAGNA, 2012).

Infelizmente, esse estereótipo negativo que a sociedade cria sobre o idoso reforça a valorização do jovem e, conseqüentemente, comprova que aquele, apesar da experiência, pode ser considerado um problema social (OLIVEIRA, SCORTEGAGNA, 2012).

Nossa cultura, que é de origem rural, evidencia que o idoso tinha um papel social relevante na sociedade, pois atuava como conselheiro dos jovens. Esse papel atual de estar à margem na sociedade ou essa falta de papel social causa um grande trauma nos idosos (PRETI, 1991).

Também podemos mencionar a situação dos idosos no Brasil, no que se refere ao processo de isolamento social. Esse processo acontece de forma acentuada e mais dramática em asilos ou casas de repouso. Entretanto, também ocorre no interior da vida familiar, onde os idosos, como nos asilos, estão condicionados à “suave violência do silêncio”. Sua própria família o negligencia ao submetê-lo ao silêncio, sem dar-lhe o direito de opinião sobre os acontecimentos familiares (PRETI, 1991).

Temos consciência que as transformações sociais, que acontecem no meio urbano, influenciam decisivamente nos hábitos familiares, alterando antigos costumes que perdem sua razão de ser, por vários motivos, entre eles, o excesso de atividades nas agitadas cidades urbanas. Percebe-se, gradativamente, que a segregação do idoso, que não tem mais uma função nesses grandes centros, “passa a ser aceita como novo comportamento cultural, tolerado pela família, incentivado pela sociedade” (PRETI, 1991, p. 25).

Atualmente parece que a sociedade passou a admitir a velhice como uma experiência que demonstra o sofrimento, pois ela marca a passagem indesejada de um mundo público, em que se pode falar e é ouvido para um mundo privado, em que

se fala e ninguém ouve. Devemos ter consciência que o papel do idoso é determinado por costumes e ações culturais e também pelo contexto histórico em que está inserido.

Todos esses valores negativos que a sociedade impõe sobre a figura do idoso podem ser alterados através de modificações culturais e sociais, pois uma mudança de pensamento parte do individual até atingir o coletivo. Essas modificações estão acontecendo gradativamente, ao inserirmos um novo olhar sobre o idoso, vendo que, apesar das dificuldades psicofísicas em decorrência do avanço da idade, ele é capaz de contribuir socialmente de uma maneira peculiar.

Essa transformação gradativa também tem a contribuição do próprio idoso, quando este define sua identidade, ultrapassando o preconceito e estabelecendo seu espaço social, buscando seu reconhecimento através do decorrer de sua trajetória e de sua capacidade devido à experiência. À procura para transformar a realidade, o idoso adquire um novo papel social, pois se dispõe a lutar pelos seus direitos básicos (OLIVEIRA, SCORTEGAGNA, 2012, p. 10-11).

Também há uma alteração gradativa do comportamento do idoso, pois ele torna-se cada vez mais participante, ativo nas questões sociais, econômicas e culturais. O empenho simultâneo do idoso e da sociedade são capazes de transformar características negativas da velhice em uma imagem positiva do idoso.

A mais efetiva modificação cultural e social começa a acontecer a partir do momento que o idoso recusa aquela visão negativa e pejorativa que a comunidade lhe apresenta, mostrando que é capaz de mobilizar a sociedade, buscando o reconhecimento social, cultural e econômico.

Infelizmente a maioria dos idosos não tem acesso e nem conhecimento dos seus direitos fundamentais, o que é garantido por lei. Essa falta de informação pode fazer com que o idoso se submeta a situações de discriminação e marginalização. O problema pode ser resolvido através do ensinamento, pois este possibilita o conhecimento sobre os próprios direitos básicos, e isso é um preceito fundamental para aqueles que almejam uma melhor qualidade de vida.

O conhecimento e a informação proporcionam uma transformação social, pois é através deles que o processo de sociabilização se intensifica e a formação de um sujeito crítico se consolida (OLIVEIRA, SCORTEGAGNA, 2012, p. 15).

Colocar-se na posição do outro pode transformar nossas ações e valores perante a sociedade, pois isso possibilita a compreensão do sentimento, da angústia

do outro diante os demais. Esse gesto é fundamental para que aconteça uma efetiva transformação social e cultural da sociedade mediante não somente ao idoso, mas também em relação àqueles que são discriminados e marginalizados, como homossexuais, afrodescendentes e portadores de deficiência.

Gestos e ações simples são capazes de inserir um novo olhar sobre uma imagem negativa criada pela sociedade. Podemos transformar se cremos que somos capazes disso.

2 A LINGUAGEM E O IDOSO

2.1 Aspectos teóricos relevantes

Como foi afirmado anteriormente, a velhice não é somente um processo biológico, mas também um processo social e cultural. Esse fato reflete na constituição do indivíduo, de sua linguagem e de sua forma de comunicação (GARCIA; GOMES, 2006).

Segundo Preti (1991), ao estudar a linguagem do idoso, devemos considerar conjuntamente as três perspectivas a seguir: a primeira refere-se ao caráter cultural, pois os idosos adquirem um papel na sociedade em que vivem, de acordo com a cultura a que pertencem; a segunda é o caráter social, pois a sociedade apresenta uma postura perante os idosos e é a partir desta que se processam as relações sociais; e a última perspectiva refere-se ao caráter psicológico individual, pois a velhice é marcada cronologicamente, mas cada pessoa sente a velhice de maneira diferente.

Geralmente é a partir dos 80 anos que se tem a consciência da velhice, pois é a partir dessa idade que o idoso começa a aceitar sua posição na sociedade, visto que fatores psicofísicos o levam forçosamente a conscientizar-se do envelhecimento (PRETI, 1991). Essa consciência da velhice nos aponta uma conhecida divisão entre “idosos jovens”, aqueles que teriam de 60 a 80 anos de idade e os “idosos velhos”, aqueles que teriam mais de 80 anos de idade. Devemos ter consciência que essa divisão é em si precária, pois não são consideradas as variantes individuais e nem as condições socioeconômicas dos idosos.

A partir dessa divisão, devemos reconhecer que as maiores transformações na comunicação acontecem nos “idosos velhos”, “porque o processo de envelhecimento adiantado prejudica, com maior intensidade, a memória e a audição” (PRETI, 1991, p. 26-27). Também afeta o relacionamento social através da linguagem:

Assim, as causas de natureza física, decorrentes da idade, que interferem, de maneira às vezes decisiva, nas atividades dos idosos, quer sobre sua vida exterior, quer sobre suas reações psíquicas, seu poder de reflexão e análise, atingem consideravelmente sua capacidade comunicativa e receptiva e, por consequência, a própria habilidade conversacional (PRETI, 1991, p. 27).

Se pensarmos na conversação como um jogo que apresenta regras marcadas, às vezes, negociadas previamente dentro dos parâmetros da sociedade, é possível compreender que a lentidão da reação dos idosos para processamento, recepção e compreensão das informações se distancia e não é compatível com os padrões conversacionais mais dinâmicos e ágeis dos jovens.

Na velhice, os aspectos motores e também os cognitivos do comportamento falado tornam-se enfraquecidos, por isso as pausas na fala tendem a aumentar, enquanto que o tempo de articulação tende a diminuir (PRETI, 1991). Essas deficiências comuns na velhice resultam “na inaptidão de organizar o discurso com a continuidade desejada” (PRETI, 1991, p. 27), seja na busca por fatos que não são recordados na memória, seja por uma natural desorganização no arranjo de tópicos conversacionais.

Devemos considerar que as marcas linguísticas próprias de idosos decorrem da idade e também das relações entre eles e a comunidade em que vivem. Essas marcas podem ser: prosódicas, lexicais, sintáticas, discursivas ou conversacionais. Tais características podem ocorrer em falantes de outras faixas etárias, porém ganham intensidade nos idosos.

Sob o aspecto conversacional, revela-se a importância da categoria *tempo* e a presença constante do passado, como um ponto de referência constante para o discurso que, ainda quando centrado em temas do presente, se articula com base em duas realidades, a do *ontem* e do *hoje* (PRETI, 1991, p. 28).

Como afirma Preti (1991), a categoria *tempo* é muito importante para o estudo da linguagem dos idosos sob o aspecto conversacional, pois o idoso tende a conversar no presente, comparando esta realidade com a passada. A realidade passada tende a ser eleita como superior em comparação com a realidade atual.

A categoria *tempo* atua na linguagem dos idosos “como um elemento ordenador na elaboração do discurso, manifestando-se em dois polos – o *antes* e o *agora*, com forte participação do primeiro, mais vivenciado, o que permite uma análise dirigida do segundo” (PRETI, 1991, p. 125).

A categoria *espaço* está estreitamente vinculada ao tempo, pois ao referirmos a um acontecimento passado ou presente, marcamos o *lá* ou o *aqui*, o espaço em que ocorreu/ocorre tal fato.

Um aspecto relevante a ser estudado é a descontinuidade da fala, um fenômeno normal na linguagem oral, que é acentuado na linguagem do idoso devido a fatores psicofísicos. Temos várias formas de rupturas que podem ocorrer no nível pragmático (a descontinuidade de tema, pela interferência de segmentos parentéticos), sintático (pela ocorrência de frases interrompidas), lexical (pelas hesitações e truncamentos) e fonológico (pela presença de pausa) (PRETI, 1991).

Conforme Preti (1991), geralmente o vocabulário do idoso é desconhecido atualmente devido ao uso de arcaísmos e gírias, o que provoca um processo constante de explicação na fala, principalmente ao se dirigir a um interlocutor jovem.

Esse constante processo de explicação resulta na descontinuidade da fala, que interfere na organização do discurso do idoso, pois este geralmente não marca a passagem de um tópico a outro. “Observamos que a necessidade de esclarecer o significado de um vocábulo” (PRETI, 1991, p. 38) pode resultar em uma ruptura no tema que vinha sendo desenvolvido.

Segundo Preti (1991), a diferença básica entre a linguagem do idoso e a de falantes mais jovens está na “intensificação das características comuns a ambos” (PRETI, 1991, p. 49) e não em traços específicos. Essa intensidade também está presente na categoria *tempo*, pois o passado também é uma categoria presente em outras faixas etárias, porém com menor frequência e intensidade do que na fala do idoso.

A rememoração do passado faz parte da organização do discurso do idoso e é realizada através de diversos tipos de informações, como datas, lugares, objetos, vestimentas, pessoas, acontecimentos públicos situados no passado, por isso, ao conversar com uma audiência mais jovem, é necessário interromper o tópico central para esclarecer o significado dessas informações que pertencem ao tempo passado, senão esse ouvinte não compreenderá corretamente o diálogo.

Pode aparecer a categoria de tempo nas seguintes marcas lexicais: O arcaísmo, isto é, vocábulos, frases que saíram do uso na língua corrente, que se torna uma marca lexical da fala do idoso em oposição à dos falantes jovens. Outra marca lexical são as formas de tratamento que “constituem um dos índices sociolinguísticos mais expressivos” (PRETI, 1991, p. 67), pois ressaltam os graus de formalidade durante o andamento da conversação, os níveis hierárquicos e os índices de formalidade entre os interlocutores.

A categoria *tempo* permite-nos retomar a ideia de que o discurso do idoso apresenta sempre um ponto de referência no passado.

Por isso, quando se trata de falar sobre os tempos da juventude, sobre o “seu” tempo, o idoso revela uma disposição pouco comum em outros tipos de falantes, principalmente na presença de uma audiência que lhe é desconhecida. Compreende-se: é a oportunidade de participação social efetiva, de interagir com uma audiência atenta, situação pouco comum, quando se trata de um falante idoso (PRETI, 1991, p. 72).

Em geral é na fase mais avançada do envelhecimento, a partir dos 80 anos, que se manifesta a tendência do idoso de proteger o passado, valorizar “seu tempo”, ou seja, o tempo de sua juventude, recorrendo constantemente a ele na comparação com o presente. Percebemos que no discurso do idoso se inter-relacionam o passado e o presente (PRETI, 1991).

Outro aspecto relevante a ser discutido são as narrativas na conversação, pois o idoso apresenta uma tendência a se tornar contador de histórias, o que pode ser explicado através do seu papel social de transmitir conhecimentos e experiências aos mais jovens.

Quando o idoso tem a oportunidade de interagir com outros falantes tende a falar muito, relembando através da narrativa suas experiências e revelando habilidade em construir seu discurso. Esse recordar pode significar um processo de reavaliação dos fatos, dependendo das circunstâncias que envolvem a interação. Bosi, apoiada nas ideias de Halbwachs, analisa a diferença entre o fato vivido no passado e a sua rememoração no presente:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p. 55).

O discurso do “idoso velho” evidencia ao ouvinte cenas, episódios familiares, fatos públicos que podem remontar mais de meio século. Esses fatos despertam o interesse imediato na conversação. Percebemos que, nas narrativas, “a ideia da

avaliação dos fatos rememorados está ligada” (PRETI, 1991, p. 110) a outros fatos a que eles podem reporta-se.

Sob o ponto de vista da interação conversacional, a narrativa pode apresentar-se formalmente de três maneiras distintas: por meio de uma reprodução; de uma notícia e de uma afirmação. Esses três tipos de narrativas podem se relacionar com o fator tempo (PRETI, 2004).

A primeira narrativa do tipo *reprodução* funciona como um *continuum*, pois mostra ao ouvinte os fatos passados como se estivessem acontecendo, “põe em cena” o fato, “revivendo para o ouvinte ou para a audiência os acontecimentos passados, ‘marcando’ engenhosamente o que acha mais importante” (PRETI, 1991, p. 111).

Nessa narrativa mesclam-se a memorização e a recriação, pois se traz para a “cena” presente muitos pormenores (PRETI, 1991) e também acontecem com frequência diálogos sob a forma de discurso direto reproduzido. É “um recurso que atomiza os fatos narrados, ‘refazendo’ falas que o narrador teria pronunciado ou ouvido na ocasião, com as prováveis entonações e efeitos de sentido ocorridos em torno do diálogo” (PRETI, 2004, p. 31).

A segunda narrativa, que é do tipo *notícia*, é mais formal e sintética. Nela, o narrador enfoca os fatos sob a perspectiva do presente, considerando-os realmente já terminados (PRETI, 2004).

E a terceira narrativa do tipo *afirmação* tem um distanciamento ainda maior no tempo e limita-se a um enunciado simples.

Percebemos o predomínio da narrativa do tipo *reprodução* sobre a do tipo *notícia* na interação do idoso, pois este tenta transmitir ao ouvinte o fato como ele realmente aconteceu, “põe em cena” o fato, revivendo para o ouvinte os acontecimentos passados.

Em geral, o discurso do idoso apresenta as características formais da narrativa *reprodução*. A narrativa do tipo *notícia* é menos frequente, pois exige conhecimentos linguísticos para o processo de síntese, por isso oferece dificuldades ao “idoso velho”, que apresenta uma organização sintática da frase precária devido ao abandono de segmentos.

Outro fenômeno da linguagem que pode ser observado no discurso do idoso é a hesitação, que faz parte, com maior ou menor intensidade, de qualquer tipo de

falante, de qualquer faixa etária. Geralmente é um problema de memória, mas também pode ser o domínio precário do assunto desenvolvido na conversação.

“Apesar de comum em todos os falantes” (PRETI, 2004, p. 49), a hesitação aparece com maior frequência no discurso do “idoso velho”, pois “o processo de envelhecimento prejudica gradativamente a memória (e, com mais intensidade, a memória dos fatos recentes) e a audição” (PRETI, 2004, p. 49).

Segundo Preti (2004), a hesitação pode manifestar-se de três modos distintos:

- pela repetição de um mesmo vocábulo seguidas vezes;
- pelo alongamento de sílabas, seguido de pausas de menor ou maior duração;
- pelos marcadores de hesitação: *éh, ahn, uhn, agora, digamos*, etc.

Podemos ressaltar, como vimos anteriormente, características que destacam a relevância da categoria tempo no discurso dos idosos, como a distinção entre o tempo passado e o tempo presente, a marca de espaço, a descontinuidade, o arcaísmo e a hesitação.

A fim de melhor compreender o discurso do idoso, devemos considerar o que marca a linguagem do idoso em relação à do falante mais jovem, que é a intensificação das características comuns a ambos. É o que ocorre com as repetições, com as pausas, as hesitações. A intensificação desses elementos na linguagem do idoso se deve, conforme demonstramos, a fatores psicofísicos.

Outra característica comum na linguagem de falantes de outras faixas etárias e de idosos é a rememoração do passado, porém esta adquire uma projeção especial na fala dos idosos, como percebemos ao longo da análise do *corpus*, que revela a importância da categoria tempo no discurso dos idosos.

Além dos conceitos primordiais utilizados de Preti, também podemos destacar os dêiticos. Segundo Richter (s.d.), os elementos da mensagem que ‘apontam’ para o que está no contexto em função do eu-aqui-agora são denominados dêiticos. Dentre os dêiticos, ressaltamos aqueles referentes ao aqui e agora, ou seja, de espaço e de tempo, representados respectivamente pelos advérbios de lugar, como aqui, lá e de tempo, como hoje, ontem, agora.

Os dêiticos de lugar e de tempo são fundamentais para identificar na conversação do idoso, se há referência a um tempo passado ou presente e a um espaço antigo ou atual.

2.1.1 Conceitos essenciais e história da Sociolinguística Interacional

Um dos principais nomes da Sociolinguística Interacional é Erving Goffman. No artigo “A situação negligenciada”, publicado originariamente em 1964, Goffman observa um fenômeno pouco estudado até então: a situação social presente na comunicação face a face. Não se trata mais simplesmente de estudos que correlacionam as variáveis linguísticas com as variáveis sociais. Goffman insere a “situação social como o *locus* da pesquisa - o lugar que tem sido negligenciado” (GOFFMAN, 1998, p. 11). Desta forma, a Sociolinguística Interacional preocupa-se com o que está acontecendo em uma dada situação social na interação face a face.

Goffman define a situação social:

[...] como um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante (GOFFMAN, 1998, p. 13-14).

A situação social refere-se a qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e ela dura até que uma das pessoas saísse (GOFFMAN, 1998).

As principais distinções entre a teoria da Sociolinguística Quantitativa Laboviana e a SI dizem respeito aos interesses centrais de cada pesquisa. A SI “se interessa pela ação humana mediante o uso da linguagem e trata de examinar situadamente o que as pessoas estão fazendo umas com as outras”.³ Por seu turno, a Sociolinguística Quantitativa Laboviana se interessa em quantificar variáveis em diferentes níveis.

Segundo Garcez, na SI, privilegia-se a perspectiva situada dos participantes na análise, o que nomeamos de perspectiva êmica. Essa perspectiva é o que a distingue dos demais estudos interessados nas relações entre linguagem e sociedade.

³ Pedro de Moraes Garcez, entrevista sobre a Sociolinguística Interacional. Disponível em: <<http://www.stellabortoni.com.br/index.php/entrevistas/1378-soiolioguistiia-iotiaaiioal-79248046>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

Além da Sociolinguística Quantitativa Laboviana, também há a Análise da Conversação, que apresenta proximidades com a SI. A grosso modo, podemos dizer que elas se completam. A SI é mais abrangente, pois está preocupada com o processo interacional como um todo, enquanto que a Análise da Conversação é mais restrita, voltada para os aspectos linguísticos formais e específicos da conversação.

Como toda teoria, a SI tem sua nomenclatura e um princípio básico para a análise da interação é o conceito *enquadre*, introduzido por Gregory Bateson e desenvolvido por Erving Goffman. O *enquadre* “formula a metagemagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem” (GOFFMAN, 1998, p.70). Para Goffman, “em qualquer encontro face a face, os participantes estão permanentemente introduzindo ou mantendo enquadres que organizam o discurso e os orientam com relação à situação interacional” (GOFFMAN, 1998, p. 70).

Goffman introduz o conceito de *footing*, que é um desdobramento do conceito *enquadre* no discurso. *Footing* representa a postura, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo mesmo e com o discurso em construção (GOFFMAN, 1998).

Outro conceito importante é o *agrupamento*, que faz referência à coletividade de pessoas em uma dada situação.

2.2 Aspectos metodológicos do trabalho

A fim de descrever melhor a metodologia adotada, devemos primeiramente apontar a condição em que foi realizada a gravação com a idosa de 81 anos de idade. A gravação foi realizada com o consentimento livre e esclarecido da informante, conforme anexo. O espaço utilizado foi a casa da informante, localizada na Vila Cauduro, bairro Boi Morto, cidade Santa Maria – Rio Grande do Sul, na presença da documentadora, que fazia os questionamentos, e dos pais da documentadora, que estavam presentes, mas que não interferiram na conversação. A informante, natural de Cruz Alta – Rio Grande do Sul, foi e é costureira.

Organizamos uma pauta com questionamentos para facilitar a conversa com a locutora. Esta conversou ordinariamente, não se inibiu perante o gravador. A gravação durou 49min e 28s. Não houve um contato prévio à gravação com a locutora, pois a documentadora já a conhecia anteriormente.

Na transcrição, seguiu-se o modelo utilizado pelo Projeto NURC – Projeto de Norma Urbana Falada Culta, conforme anexo.

Devemos ressaltar que “transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionizados” (MARCUSCHI, 2001, p. 49). Há uma série de operações e decisões que conduzem a alterações relevantes que não podem ser ignoradas. Entretanto, essas alterações não devem interferir no discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. E essa foi sempre nossa preocupação.

Neste estudo, partimos de algo particular para uma questão mais ampla. Esse estudo se desenvolve através da participação da pesquisadora na coleta de dados. Por isso é um estudo de natureza indutiva, de caráter qualitativo, pesquisa de campo e uma pesquisa participante.

Por fim, cabe ressaltar que a interação que ora analisamos não pode ser classificada como espontânea, já que foi monitorada pela documentadora, a quem coube sugerir o tema, a infância e a história da vida. A abordagem de um tema rememorativo facilitou a investigação do objeto pesquisado.

3 DO PRESENTE AO PASSADO: A CATEGORIA TEMPO NAS NARRATIVAS ORAIS DE IDOSOS

3.1 Categoria tempo

Conforme vimos anteriormente, a categoria de tempo é fundamental para compreender a linguagem do idoso. Especificamente as marcas linguísticas que apontam para o passado é ponto de referência no discurso do idoso, que tende a comparar o tempo presente com o passado, eleito, quase sempre, como superior em comparação ao tempo atual.

Nosso *corpus*, gravado com uma idosa de 81 anos de idade, inicia-se com a orientação da documentadora, introduzindo o tópico que também remete ao passado, a infância. O *ontem* passa pela conversação através de duas marcas temporais: *naquela época* e *naquele tempo*. Ao falar do passado, explicamos o *hoje* para evidenciar a diferença entre os dois tempos, passado e presente. Esse *hoje* aparece na conversação através de duas marcas temporais: *hoje* e *agora*. No início da conversação, observamos que a locutora apresenta uma peculiaridade do seu tempo de infância:

- 59 L: as *brincadeiras naquela época* a gente criava... por (exemplo)... as brincadeira a gente juntava *ossinho da/dos porquinhos... da/dos DOS* Bichos
- [
- D: ahan
- L: e fazia as nossas fazendas né...
- [
- D: Ata
- L: *pegava os sabugo... pegava esses cavaquinhos fazia mangueirinha* e tudo... ali era os cavaquinhos... a vaquinha o cavalinho... tudo aquilo era a nossa brincadeira... boneca eu nunca vi...
- [
- D: era muito raro

No trecho acima, a locutora revela ao ouvinte que está referindo-se ao tempo de sua infância, através do substantivo feminino “brincadeiras” e da marca temporal “naquela época”. Outra característica que aponta ser algo específico de sua infância é a explicação do que era composta a brincadeira, de ossinhos, sabugos, cavaquinhos (lasca de madeira, graveto).

Ao utilizar o verbo “criava” no pretérito imperfeito do indicativo a locutora aponta para o ouvinte uma peculiaridade do seu tempo de infância, a criação costumeira de brincadeiras, e com isso destaca que no tempo atual a brincadeira já é acessível às crianças.

Abaixo a locutora destaca as diversões do seu tempo de juventude:

- 86 L: é... *naquela época* por exemplo a gente *mocinha* sabe qual era a nossa diversão? era brincar de roda... de chicote queimado... de se esconder...
 D: [ahan

No fragmento acima, a locutora indica ao ouvinte que está referindo-se ao seu tempo de juventude através do substantivo “mocinha” e da marca temporal “naquela época”. A construção em forma de pergunta ressalta que na sua juventude a diversão era brincar, evidenciando que atualmente a diversão é de outra forma.

Também observamos que a locutora evidencia as diferenças dos tempos passado e presente:

- 117 L: *hoje* as crianças nem os brinquedos...
 D: [não usam
 L: assim motorizados... eles não ligam mais... é só televisão e notebook... mas *naquela época* não existia nada disso...
 D: [ahan
 L: era correr atrás de porco... meus irmãos... vocês não sabem o que faziam... meus irmãos nós se ajuntavam tudo assim... só imagina era sete filhos né... nove mas depois...
 D: [ahan
 L: meus irmãos iam *pegar os terneiros... amarravam lata no rabo dos terneiros e tocavam* ((risos))...

A locutora procurou marcar que o brinquedo sofreu alterações de acordo com o tempo. O advérbio “hoje” marca o fato atual de que as crianças possuem melhores brinquedos, motorizados e nem utilizam. O advérbio “só” e os substantivos “televisão” e “notebook” evidenciam que as crianças atuais brincam pouco e usam com mais frequência aparelhos eletrônicos. Logo em seguida a locutora afirma, através da marca temporal “naquela época”, que, no tempo da sua infância, esses aparelhos não existiam, o que fica evidente através da negação, inserindo o vocábulo “não” e o verbo “existia” no pretérito imperfeito do indicativo.

No trecho acima, a locutora relata ao ouvinte o brinquedo que era conhecido no seu tempo de infância através do verbo “amarravam” no pretérito imperfeito do indicativo, dos substantivos “lata”, “rabo” e “terneiros”.

A locutora ressalta uma peculiaridade do seu tempo presente no fragmento a seguir:

146 L: era trabalho... mas eu estava dizendo pra ela... eu não me arrependo nem um pouquinho... eu trabalhei hoje... e valeu muito ((grito)) se eu tivesse:: talvez não tivesse passado por isso... será eu fico pensando será que eu enfrentaria a vida que eu enfrentei?... cinco filhos... dificuldade trabalhando ((canto de galo ao fundo))... e *trabalho até hoje*... as vezes eu me deito duas horas da madrugada...

Ao afirmar que trabalha até hoje, a locutora está marcando o tempo presente através da utilização do advérbio de tempo “hoje” e do verbo “trabalho” no presente do indicativo. E a preposição “até” que geralmente estabelece limites, está ressaltando nesse contexto que a locutora ultrapassou limites, trabalhando apesar da sua idade avançada.

A diferença entre o tempo passado e o presente aparece novamente no fragmento a seguir:

180 L: [...] e outra coisa era no colégio... *naquela época se levava melenda/merenda para o colégio*... e sabe como é pra fora... ou era ovo cozido ou era batata cozida/assada... essas coisas que se levavam... ovo... ou pão com manteiga só... as vezes torresmo... e um dia a minha irmã levou... a minha irmã mais velha que eu... levou uma batata...

O verbo “levava” no pretérito imperfeito do indicativo, o substantivo “merenda” e a marca temporal “naquela época” evidenciam que a locutora está referindo-se ao tempo de sua infância. A afirmação “se levava merenda para o colégio” demonstra uma peculiaridade do tempo passado, pois atualmente isso acontece com menor frequência.

A locutora ressalta a superioridade do tempo passado em relação ao tempo presente no fragmento a seguir:

228 L: com *CINCO anos* eu fugi do colégio... e nós morávamos LONge... e aí eu até não sei... hoje não sei... eu... e naquele tempo tinha/existia carro mas era muito pouco...

232 [...] e um senhor começou a me... de carroça a me cuidar ((canto de galinhas ao fundo))... “como é que essa criança anda sozinha o que que tu”... aí ele olhou assim... digo *naquele tempo não existia maldade*... “minha filha o que

tu está fazendo aí... quem é que está contigo?... eu estou sozinha... “mas aonde que tu vai?”... eu vou pra casa... “mas tu sabe ir pra casa?”... eu sei... “tu sabe mesmo?”... sei... “tá então sobe na carroça que eu vou te levar”... aí foi foi foi... e não chegava nunca era longe que nem sei... quando vi... OLHA é LÁ naquela casa que eu moro... [...]

A afirmação da locutora que “naquela época não existia maldade” revela um julgamento positivo do tempo passado ao inserir a negação vinculada ao verbo “existia” e o substantivo “maldade”. A marca temporal “naquela época” ressalta que é no tempo da infância da locutora que não havia maldade e esta significaria todos os aspectos negativos que estão presentes na sociedade atual.

A locutora também revela uma crítica ao tempo passado:

302 L: [...] o fi/a velha que morava ao lado da nossa casa queria que o filho deles namo/me namorasse... eu era guria e:... aí não deu certo... eu já tinha tido namorado... namoradinho coisa de... coisa... aí a mãe disse olha... “AGORA TU NÃO ME NAMORA MAIS... CHEGA” tá tudo bem... *naquele tempo mandava e tinha que obedecer...*

A afirmação “naquele tempo mandava e tinha que obedecer” ressalta características do tempo passado que sofreram alterações atualmente, pois a locutora revela a rigidez e o controle que havia no seu tempo de juventude e aponta ao ouvinte com a marca temporal “naquele tempo” que essa rigidez tornou-se mais flexível ou extinguiu-se no tempo atual. Os verbos “mandava” e “tinha” no pretérito imperfeito e o verbo “obedecer” no infinitivo distinguem o tempo passado.

O discurso relatado da mãe da locutora de forma imperativa “AGORA TU NÃO ME NAMORA MAIS... CHEGA” confirma a rigidez no tempo de juventude da locutora, através da negação vinculada ao pronome pessoal “me”, ao verbo “namora” e ao advérbio “mais” que expressa a finitude de um acontecimento e do substantivo feminino “chega” que remete a uma repreensão.

A locutora aponta novamente a rigidez do seu tempo de juventude:

322 L: [...] me escreveu uma carta dizendo que ele gostou muito de mim e que ele queria que/ir no cinema comigo... e *naquele tempo a mãe solta a filha pra ir no cinema mas capaz...*
 333 [...] e tinha que voltar cedo há tantas horas... que horas tem... ata... eu acho até que a mãe foi muito complacente porque *eles não deixavam a gente sair assim nem de dia...*

A afirmação da locutora que “naquele tempo a mãe solta a filha pra ir no cinema mas capaz” reforça o rigor e o controle que havia na sua juventude. Isso fica evidente através da marca temporal “naquele tempo”, dos substantivos “mãe” e “filha” e do verbo “solta” no presente do indicativo. A frase “mas capaz” está sendo empregada com o sentido de que era algo raro de acontecer no tempo passado.

Em seguida, os verbos “tinha” e “voltar” e o advérbio “cedo” ressaltam a severidade dos pais no tempo passado e o respeito dos filhos em obedecer o horário estabelecido para a volta de um passeio. A oração “eles não deixavam a gente sair assim nem de dia” confirma o rigor dos pais sob os filhos no tempo de juventude da locutora, ressaltando que atualmente o comportamento dos pais é mais flexível e menos rigoroso.

A locutora também aponta na conversação que a saúde pública sofreu alterações de acordo com o tempo:

388 L: entre a vida e a morte... e daí?... sem dinheiro sem nada... *naquela época não tinha SUS não tinha nada...* ele teve que arrumar ah:: como é que se diz:: um dinheiro com o chefe dele pra mandar me operar mas me operou graças a Deus...

A marca temporal “naquela época”, o advérbio de negação “não”, o verbo “tinha” e a sigla SUS (Sistema Único de Saúde) revelam uma característica do tempo passado, ter que pagar por um atendimento qualquer que seja a gravidade do caso. O que também evidencia o benefício que temos atualmente de ser atendidos sem pagar pelo Sistema Único de Saúde.

A locutora relata outro benefício na saúde no tempo atual em relação ao tempo passado:

405 L: [...] *naquela época* tinha que ficar QUINze dias de cama por causa de uma cirurgia de apendicite... olha hoje tu saí da mesa de cirurgia caminhando... e assim foi...

No trecho acima, a locutora apresenta um julgamento positivo do tempo presente, pois evidencia a facilidade de uma cirurgia atualmente. Primeiro, a locutora demonstra ao ouvinte a precariedade da saúde no tempo passado através da marca temporal “naquela época”, dos verbos “tinha” e “ficar”, do numeral “quinze” e dos substantivos “cama”, “cirurgia” e “apendicite”.

Logo em seguida, a locutora demonstra o progresso da saúde no tempo atual por meio da marca temporal “hoje”, do verbo “sai”, dos substantivos “mesa” e “cirurgia” e do verbo “caminhando” que indica a rápida recuperação do paciente operado de apendicite.

A locutora também relata na conversação o escasso acesso ao transporte mais moderno, como o carro:

- 363 L: [...] aí o Ademar disse “olha xxxx se teu pai vier buscar tua mãe nosso noivado vai terminar porque eu não posso ir no Paraná te visitar” e *naquele tempo condução pelo amor de Deus...*
 229 [...] e *naquele tempo* tinha/existia carro mas era muito pouco...
 645 [...] mas o pai morava pra fora mas a gente achava que era pra fora... aí tá... aí eu digo mas como é que a gente vai chegar lá pra as pessoas conhecidas dali... “olha pra chegar lá só de carroça não tem condução aqui”...

Observamos que a locutora ressalta, através da marca temporal “naquele tempo”, do verbo “existia”, da conjunção adversativa “mas” que expressa uma restrição em relação ao verbo “existia” e do substantivo “carro”, que no seu tempo de juventude já existia carro, porém eram poucos ainda. Destaca também que a carroça era o transporte mais utilizado no tempo passado, o que fica evidente através do verbo “chegar”, do advérbio “só” e do substantivo “carroça”.

A locutora também revela um comportamento em relação à morte de entes queridos:

- 715 L: por exemplo *Hoje...* eu sou uma pessoa assim... eu senti a morte do meu filho... senti a morte do meu marido meus filho... mas não faço auê não faço nada... eu sinto... quero guardar na minha memória os momentos que a gente viveu junto né... porque se chorar pular gritar e passar dia e noite no cemitério não traz mais de volta...

A locutora revela ao ouvinte seu sentimento no tempo atual relacionado ao assunto morte e a marca temporal “hoje” evidencia o tempo em que acontece esse sentimento.

A grande quantidade de marcadores temporais utilizados pela locutora demonstram que houve uma distinção entre o tempo passado e o tempo presente, isto é, entre o *antes* e o *agora*.

A locutora procurou ressaltar peculiaridades de sua infância e juventude, como inventar brinquedos e levar merenda no colégio. Também destacou uma

característica positiva e uma negativa do tempo passado, respectivamente, a não existência da maldade presente na sociedade atual e a rigidez, o controle dos pais sob os filhos. Além disso, indicou o progresso da saúde no tempo presente.

O tema proposto contribuiu para que o tempo passado fosse mais mencionado na conversação do que o tempo presente. Entretanto, a locutora organiza sua conversação sobre o passado a partir do tempo presente. Por isso, podemos afirmar que os tempos passado e presente estão inter-relacionados.

3.2 Marca de espaço

“A rememoração do passado faz parte da própria organização do discurso do idoso e é feita por meio de vários tipos de informação” (PRETI, 1991, p. 56), como a indicação de lugares que sofreram transformações de acordo com tempo.

A locutora demonstra sua decepção ao ver a realidade da cidade de São Borja no seu tempo de adulta, recém-casada:

- 426 L: [...] eu adorava o Getúlio... eu não quero morrer sem conhecer São Borja... não sei... não sei na minha mente *eu achava que São Borja era uma cidade espetacular porque era a cidade do presidente...* olha por isso eu digo as coisas acontecem na vida e existe... depois de casada a transferência do Ademar pra São Borja... aí eu fiquei feliz da vida... mas se tu visse a *minha maior decepção que São Borja era um casario velho...*
- 432 [...] eu achava que São Borja fosse uma BAlta de uma cidade... não ... *hoje São Borja tá mudada é outra cidade...* mas naquela época não era um casario velho que vou te contar...

Quando criança, a locutora idealizou a cidade de São Borja, pois esta era a cidade do presidente da república, Getúlio Vargas, o que fica evidente através dos verbos “achava” e “era” no pretérito imperfeito do indicativo, do substantivo “cidade”, do adjetivo “espetacular”. Observamos que a locutora refere-se ao presidente da república de uma forma próxima, como se já o conhecesse. E depois, já casada, afirma que conheceu a realidade de São Borja, o que é demonstrado através do pronome possessivo “minha”, do adjetivo “maior”, do substantivo “decepção”, do verbo “era” no pretérito imperfeito do indicativo, do substantivo “casario” e do adjetivo “velho”. Essas palavras reforçam a decepção da locutora perante a realidade da cidade de São Borja.

Ainda no mesmo fragmento, percebemos que a locutora relata ao ouvinte que a cidade mudou atualmente. Essa transformação é indicada através da marca temporal “hoje”, do verbo “está” no presente, do substantivo “mudada”, do verbo “é”, do pronome indefinido “outra” e do substantivo “cidade”. A locutora aponta que a cidade sofreu alterações conforme o tempo, pois no seu tempo de juventude, recém-casada, a cidade era feia e agora mudou, está mais bonita. O espaço, que analisamos acima é um dos tipos de informações que indica a rememoração do passado, uma marca do discurso do idoso.

3.3 Descontinuidade da fala

Conforme Preti (1991), geralmente, o vocabulário do idoso é desconhecido pela audiência mais jovem devido ao uso de arcaísmos, o que resulta em um constante processo de explicação na fala. Essa necessidade de esclarecer um vocábulo desconhecido resulta na descontinuidade da fala, que interfere na organização do discurso do idoso.

A locutora explica a audiência o significado de um vocábulo desconhecido e isso ocasiona a descontinuidade da fala:

- 72 L: eu acho que eu tinha assim... um calçadinho melhor... eu acho que uns dez anos... que o primeiro sapatinho eu acho mais ou menos que naquela época se chamava *balalaica*...
- 77 [...] era um calçado tipo tamanquinho mas com aquelas tirinhas coloridas e tudo... era uns... era tipo uma sandalhinha que se usa hoje...
- 81 [...] mas as/os parte de baixo era cepa de tamanco né...
- 86 [...] é... naquela época por exemplo a gente mocinha sabe qual era a nossa diversão? era brincar de roda... de chicote queimado... de se esconder...

As orações finais do trecho acima demonstram que após a explicação sobre o termo “balalaica”, a locutora retorna a outro assunto, confirmando a descontinuidade na fala.

Em outro fragmento também há um termo desconhecido que resulta em uma longa explicação sobre o termo:

- 90 D: e o que que é esse *chicote-queimado* ((riso))?
L: *chicote-queimado* era uma porção de crianças assim...
- D: [ah

L: se juntava assim... e se davam as mãos e depois soltavam... soltavam e tinha um que ficava... se chamava capitão... tinha um:: chicote como se fosse uma vara... uma coisa assim né...

[
D: ahan
L: ele corria ao redor tudo e largava atrás de um

[
D: Ata
L: e aí se ele via era... mas as vezes a pessoa o/a se distraia ali... se ele via ele pegava bom e sai correndo atrás... porque se ele não via tomava uma chicotada né...

[
D: ah entendi
L: então... aí se ele via ele saía correndo e dava em outro... se o outro não achasse ele tomava chicotada também...

[
D: ahan
L: e assim ia até passar toda roda

A necessidade de esclarecer o termo “chicote-queimado” resulta na descontinuidade da fala devido ao longo processo explicativo que o termo acarreta na conversação.

Além de marcas do tempo e do espaço, da descontinuidade na fala, também podemos encontrar um fenômeno da linguagem, a hesitação, que faz parte de qualquer falante, de qualquer faixa etária, com maior frequência no discurso do “idoso velho”, revelando a falha da memória.

3.4 Hesitação

Observamos que no *corpus* estudado a hesitação é muito frequente, principalmente quando ocorre o esquecimento momentâneo de um vocábulo ou quando há a reformulação de uma frase.

A primeira hesitação a ser apontada revela que a locutora iniciou a fala de um vocábulo incorretamente e percebeu seu erro e o corrigiu logo em seguida, antes mesmo de completar o vocábulo incorreto:

3 L: pode se (dizer) *tumur/tumultuada* porque a gente éh:: morava pra fora... enTÃO desde pequenininho a gente trabalhava né ...

A locutora percebe ter falado incorretamente o termo “tumultuada” e o corrige imediatamente após ter pronunciado o início do termo incorreto “tumur”. Essa interrupção na fala do termo incorreto ressalta a hesitação que indica autocorreção. Ainda no mesmo fragmento encontramos outra hesitação que indica o

esquecimento momentâneo do termo que iria falar a seguir. O termo, marcador de hesitação, “éh::” ressalta que a locutora está buscando o vocábulo esquecido ou a forma de continuar a frase.

A hesitação também indica que a locutora demora a recordar o nome dos seus vizinhos:

272 L: aí nós se criava... era uma gurizada ali... tinha os filhos do *seu::...* Marcondes... do *seu::...* Aníbal... tinha os filhos do *seu::...* Lúcio e tinha a filha do *seu::...* GREgório que era um monte de gente... eles tinham VINte e quatro filhos...

O uso repetitivo do substantivo “seu”, redução popular em próclise de senhor, com alongamento da sílaba final seguida de pausa, demonstra a hesitação da locutora e que ela está buscando os nomes esquecidos na memória.

Outra hesitação comum ocorre com a rememoração de datas em que se deram os fatos:

284 L: nós saímos de Carazinho em quarenta *e::...* *era quarenta e poucos...* *ah::* o ano não me lembro bem...

A dificuldade em precisar o tempo causa a hesitação, evidente em “e::...” e “ah::”, a locutora também registra que não recorda o ano exato de sua saída de Carazinho, evidente através do substantivo “ano”, do advérbio de negação “não”, do pronome pessoal “me”, do verbo “lembro” no presente do indicativo e do substantivo “bem”.

A hesitação também ocorre com a rememoração de nomes de pessoas que pertenceram ao passado:

287 L: e as filhas dos... agora eu não me lembro bem o nome delas...

A dificuldade em precisar os nomes de pessoas conhecidas no passado causa a hesitação, esta fica evidente através do vocábulo “dos” seguido de pausa e também da confirmação do esquecimento dos nomes na memória através do segmento “agora eu não me lembro bem o nome delas...”.

A hesitação também pode motivar o fenômeno da reformulação, comum na língua falada, como observamos no trecho a seguir:

441 L: e ali tinha aquela São Borja depois São Borja Passo de los Libres lá no... ali do... ali do Uruguai

O esquecimento momentâneo do vocábulo “Uruguai” faz a locutora abandonar o segmento que iniciara “lá no...” reformulando a frase, na qual recorda o vocábulo “ali do Uruguai”.

Esse fenômeno da reformulação também aparece no fragmento a seguir:

496 L: tu sabe que eu não estou registrada certa... *meu registro...* se eu vou pelo meu registro eu *estou com...* fiz recém oitenta anos... não setenta e nove é...

A locutora abandona o segmento que iniciara “meu registro...” reformulando a frase “se eu vou pelo meu registro”. Ainda no trecho acima, a locutora novamente abandona o segmento que iniciara “se eu vou pelo meu registro eu estou com...” reformulando a frase “fiz recém oitenta anos...”.

Observamos outra hesitação que resulta no fenômeno da reformulação no fragmento a seguir:

537 L: as roupas eram... quer dizer é parecida... é e não é...

O verbo “eram” seguido de pausa comprova a hesitação da locutora e o uso dos vocábulos “quer dizer” indicam a reformulação do segmento que fora abandonado “as roupas eram...” reformulando o segmento “é parecida”.

Na conversação, percebemos outra hesitação que ocorre pela presença de marcador de hesitação, como *ah::*:

585 [...] mas quando chovia ou era muito frio a mãe sentava ao redor do fogão a lenha - - tem um me esqueci de um cinzeiro lá meu filho - - e ia contar história de antigamente aquelas fantasias aqueles *ah:: aqueles fantasmas* que apareciam enterro de dinheiro pra lá e aquela função toda

Ao utilizar a hesitação *ah::* seguida de alongamento de sílaba, a locutora está buscando o vocábulo “fantasmas” esquecido na memória e outro índice de hesitação é a repetição do vocábulo “aqueles”.

Outro índice de hesitação é a repetição do mesmo vocábulo, isso acontece em outra passagem da conversação:

639 L: é isso aí *eu...* eu nunca me esqueci daquilo... olha a primeira vez que nós fomos visitar a mãe no Paraná eu já tinha dois filho... era o Zé e o Negro...

A repetição do vocábulo “eu” demonstra que a locutora está buscando uma forma de continuar sua frase.

No fragmento a seguir:

641 L: nós saímos de de Uruguaiana... não sabe... não ali nós já estava aqui

A locutora afirma ter saído de um local e ao perceber que está incorreto o corrige através do segmento “não ali nós já estava aqui” (Santa Maria). A hesitação fica evidente através do segmento “não sabe” seguido de pausa.

A hesitação também se manifesta pelo marcador de hesitação *éh::...* evidente no trecho a seguir:

686 L: em primeiro lugar depois eles vieram pra pra cá pro Rio Grande do Sul...
mas éh::... nós estava sempre transferido né de um lado pro outro...

O vocábulo *éh::...* seguido de alongamento de sílaba e de pausa apontam a hesitação da locutora.

A hesitação pode resultar no fenômeno da reformulação, isso ocorre no fragmento a seguir:

748 L: depois começaram a casar... por exemplo *eu tenho um irmão que mora... tenho um irmão mais novo mora em Erechim...* a outra mora em Passo Fundo... a outra mora em Carazinho... e o outro que faleceu agora a pouco tempo morava em Uruguaiana...

O esquecimento momentâneo dos vocábulos “mais novo” faz a locutora abandonar o segmento que havia iniciado “eu tenho um irmão que mora” reformulando a frase e inserindo os segmentos esquecidos.

Na análise acima, percebemos que a hesitação é muito frequente no discurso do “idoso velho” confirmando o pensamento de Preti que a hesitação aparece com maior frequência no discurso do “idoso velho”, pois “o processo de envelhecimento prejudica gradativamente a memória (e, com mais intensidade, a memória dos fatos recentes) e a audição” (PRETI, 2004, p. 49).

3.5 Arcaísmos

Inicialmente devemos esclarecer aos leitores o significado do termo “arcaísmo” para, em seguida, apresentar os encontrados na conversação em

análise. Adotaremos o conceito do Dicionário de Linguística e Gramática, de Joaquim Mattoso Câmara Jr., entende-se os arcaísmos como “vocábulos, formas de construções frasais que saíram do uso na língua corrente e nela refletem fases anteriores nas quais eram vigentes” (CÂMARA JÚNIOR, 1977).

Observamos que o termo *balalaica* foi empregado pela locutora com um sentido comum no seu contexto de infância:

- 71 L: e aí tem uma coisa que na minha infância eu SÓ fui botar um calçado nos pés... eu acho que eu tinha assim... um calçadinho melhor... eu acho que uns dez anos... que o primeiro sapatinho eu acho mais ou menos que naquela época se chamava balalaica...
 [ah
 L: era um calçado tipo tamanquinho mas com aquelas tirinhas coloridas e tudo... era uns... era tipo uma sandalhinha que se usa hoje...
 [ata
 D: [ata
 L: mas as/os parte de baixo era cepa de tamanco né...

A locutora conhece o termo *balalaica* como sendo um tamanco com tiras coloridas, parecido com uma sandália atualmente. Entretanto, esse termo apresenta outro significado conforme o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa:

Tipo de bandolim russo de três cordas, braço trasteado caixa de ressonância triangular, dedilhado com palheta, muito usado na música popular russa tanto para o solo, como para acompanhamento de canto ou em conjunto com outros instrumentos (HOUAISS, 2009, p. 246).

O vocábulo *balalaica* pode ser considerado um arcaísmo baseado em uso regional (hipótese), pois a locutora fala o significado que ela conhece do seu tempo de infância, enquanto que o dicionário apresenta outro significado vigente atualmente.

A locutora emprega o termo *escuta* a partir do contexto do seu tempo passado:

- 356 L: o Ademar que estabeleceu três meses de namoro pra casar em seis meses... aí tá três meses de namoro me me lembro que botei a aliança no dia ONZE de outubro... e nós se conhecemos no dia de San/Santo Antônio... dia onze de outubro eu botei as aliança pra casar em seis meses... aí o pai não pode me aprontar uma *escuta*... só pra ti ver a minha história como é que foi... aí... e daí?... o pai não pôde me aprontar... não tinha como eu me aprontar...

Percebe-se pelo contexto do diálogo, casar em seis meses, que a locutora utiliza o vocábulo *escuta* com o sentido de enxoval, pois seu pai não conseguiu aprontar seu enxoval de casamento. Contudo, o dicionário indica outro significado para o termo:

1 Ação de escutar , de ouvir com atenção; 1.1 ação de escutar uma emissão radiofônica ou uma ligação telefônica; 1.2 processo de detecção da atividade inimiga pelo som; 2 serviço de recepção de ondas hertzianas emitidas por rádios, realizado com o objetivo de fiscalização e controle das telecomunicações; 3 lugar onde se escuta; 4 pessoa incumbida de escutar as conversas dos outros; 4.1 espia, espião (HOUAISS, 2009, p. 805-806).

Podemos apontar que o termo *escuta* é um arcaísmo, pois a locutora aponta o significado que conhece em seu tempo do passado, enquanto que o Dicionário Houaiss apresenta outro significado atualmente.

Os vocábulos *cruz da testa*⁴ são utilizados pela locutora porque era comum em seu tempo de infância:

423 L: agora o que mais me chamou a atenção que *quando eu era criança meu pai era getulista de cruz da testa e brizolista então...* MAS eu vivia nos comícios com o pai... a gente naquela época... e eu dizia assim quando criança... eu adorava o Getúlio... eu não quero morrer sem conhecer São Borja... não sei...

É possível compreender o sentido dos vocábulos *cruz da testa* através do contexto da conversa, percebe-se que o termo faz referência a lealdade e ao comprometimento do pai da locutora com o político Getúlio Vargas. A locutora retoma no diálogo um termo que ela utilizava no seu tempo de infância. Procuramos estes termos no dicionário e encontramos somente eles separadamente.

Os termos *cruz da testa* podem ser arcaísmo, pois a locutora os retoma na conversação indicando o tempo de sua infância, remetendo ao significado de lealdade e comprometimento com algo. Este significado não foi encontrado no Dicionário Houaiss, somente os termos *cruz* e *testa* separadamente, o que nos conduz a possibilidade dos vocábulos *cruz da testa* não estarem mais vigentes atualmente.

⁴ Não podemos afirmar que esses termos são arcaísmos ou expressão regional. Houve uma pesquisa em dicionários regionais e não encontramos os vocábulos *cruz da testa*. Provavelmente sejam arcaísmos.

Percebemos que o arcaísmo apareceu poucas vezes na conversação, porém ele é uma marca lexical que destaca a importância do tempo passado no discurso do idoso.

3.6 Dêiticos

Conforme Richter (s.d.), os dêiticos são elementos da mensagem que “apontam” para o que está no contexto em função do eu-aqui-agora. Dentre os dêiticos, ressaltamos aqueles referentes ao aqui e agora, ou seja, de espaço e de tempo.

Os dêiticos referentes ao aqui, ao espaço são representados pelos advérbios de lugar, como *aqui*, *lá*. Observamos o uso desses dois dêiticos de espaço na conversação. Apontaremos um fragmento que apresenta o uso dos dêiticos *lá* e *aqui*:

465 L: tinha aquela trepadeira ali manto de viúva que diz que dá uns cacho roxo muito bonito e ela começou a tomar conta da da... falei com um falei com outro a coisa mais difícil é tu arrumar pessoa pra trabalhar... ninguém fazia... saí tomei café de manhã às oito horas e fui pra *lá* pra podar... sem mentira nenhuma eu trabaei/trabalhei das oito horas da manhã as seis da tarde podando... mas eu começo e quero que terminar... sem almoço e sozinha... quando eu vim pra dentro de casa sem mentira nenhuma eu subia essa escada de quatro pé e *aqui* de quatro pé... eu não posso saber como é que eu tomei banho...

É possível inferir através do contexto que o dêitico *lá* se refere ao jardim, ao local que a locutora foi para podar uma flor. Também inferimos através do contexto que o dêitico *aqui* se refere à escada de acesso à casa da locutora, que no contexto imediato da conversação podia ser observada.

A locutora também utilizou o dêitico *aqui* para referir-se a cidade em que morava no tempo de adulta:

639 L: olha a primeira vez que nós fomos visitar a mãe no Paraná eu já tinha dois filho... era o Zé e o Negro... aí nós saímos daqui de Frederico de... nós saímos de de Uruguaiana... não sabe... não ali nós já estava *aqui*...

Inferire-se através do contexto que o dêitico de espaço *aqui* se refere à cidade local em que a locutora morava na época, Santa Maria, ela recorda-se que quando visitou sua mãe no Paraná já morava em Santa Maria.

Os dêiticos referentes ao agora, ao tempo são representados pelos advérbios de tempo, como ontem, hoje, agora. Observamos o uso de dois desses dêiticos na conversação, *hoje* e *agora*. Apontaremos um trecho que demonstra o uso do dêitico referente ao tempo, representado pelo advérbio de tempo *hoje*:

711 L: mas porque que uma pessoa como a minha mãe que foi praticamente uma santa tá sofrendo tanto?... que eu não me conformava... depois que ela morreu foi nos/lendo o livro espírita que eu me conformei mais com aquilo né... porque eu não aceitava aquilo ali... que pra mim não era... foi aí que eu comecei a entender mais a vida... por exemplo *Hoje*... eu sou uma pessoa assim... eu senti a morte do meu filho... senti a morte do meu marido meus filho... mas não faço auê não faço nada...

O dêitico *hoje* se refere ao tempo atual da locutora, esta relata que atualmente, após sua vivência e suas leituras compreende melhor a vida. Apontaremos uma passagem que demonstra o uso do dêitico referente ao tempo, representado pelo advérbio de tempo, *agora*:

694 L: minha mãe morreu com setenta e três... ela caiu um tombo quebrou um perna ficou na casa dessa minha irmã que mora em Caraí... tá com oitenta e sete anos *agora*...

O dêitico *agora* revela a idade atual da irmã da locutora, oitenta e sete anos, ou seja, revela uma informação relacionada ao presente. Dentre os dêiticos que ressaltamos referentes ao aqui e agora, os mais relevantes são os referentes ao tempo, pois estes reforçam a importância da categoria tempo na narrativa de idosos devido à marcação dos tempos passado e presente.

3.7 Footing e narrativa do tipo reprodução

Um dos conceitos essenciais da Sociolinguística Interacional é o conceito de *footing*. Segundo Goffman (1998), *Footing* representa a postura, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo mesmo e com o discurso em construção. Esse conceito aparece frequentemente no *corpus* analisado devido ao tipo de narrativa selecionado pela locutora, a narrativa do tipo *reprodução*.

Em geral, o discurso do idoso apresenta as características formais da narrativa *reprodução*, pois o idoso tenta transmitir ao ouvinte o fato como ele

realmente aconteceu, “põe em cena” o fato, revivendo para o ouvinte os acontecimentos passados.

Quando a locutora “põe em cena” acontecimentos passados ela assume diferentes posturas na sua relação com o outro, consigo mesma e com o discurso em construção. Isso fica evidente no fragmento a seguir:

228 L: com CINCO anos eu fugi do colégio... e nós morávamos LONge...
 232 [...] e um senhor começou a me... de carroça a me cuidar ((canto de galinhas ao fundo))... “como é que essa criança anda sozinha o que que tu”... aí ele olhou assim... digo naquele tempo não existia maldade... “minha filha o que tu está fazendo aí... quem é que está contigo?”... eu estou sozinha... “mas aonde que tu vai?”... eu vou pra casa... “mas tu sabe ir pra casa?”... eu sei... “tu sabe mesmo?”... sei... “tá então sobe na carroça que eu vou te levar”... aí foi foi foi... e não chegava nunca era longe que nem sei... quando vi... OLHA é LÁ naquela casa que eu moro... aí ele desceu da carroça e foi lá sabe... “é aqui que... está lá na carroça uma menina que diz que mora aqui então eu vim saber se é de vocês”...

A locutora utiliza um recurso típico da narrativa *reprodução*, o diálogo sob a forma de discurso direto reproduzido. Esse recurso pode ser observado nos questionamentos que o carroceiro teria feito à locutora quando criança: “minha filha o que tu está fazendo aí... quem é que está contigo? [...] “mas aonde que tu vai?”[...] “mas tu sabe ir pra casa?”. Isso também demonstra que a locutora busca descrever a fala do carroceiro, dando ao fato narrado maior veracidade e, assim, credibilidade ao próprio discurso.

Essas características também são percebidas no fragmento abaixo:

598 L: é digo tudo que eu ouvi da minha mãe quando criança hoje tá acontecendo... vendaval isso aí tudo ela desvendou tudo... “vocês vão ver coisas terríveis ainda vocês são novo eu já não alcanço mas vocês vão ver o que vai acontecer nesse mundo”... a gente achava que... a mãe acho que tá louca... não deve ser... e foi pura verdade...

A locutora busca descrever a fala da mãe, dando ao fato narrado maior veracidade e, assim, credibilidade ao próprio discurso. No trecho acima também percebemos o uso do diálogo sob a forma de discurso direto reproduzido, esse discurso está presente na previsão que a mãe da locutora fez quando esta era criança: “vocês vão ver coisas terríveis ainda vocês são novo eu já não alcanço mas vocês vão ver o que vai acontecer nesse mundo”.

A narrativa do tipo *reprodução* ressalta a importância da categoria tempo, pois é através da rememoração do tempo passado que é possível referir-se aos discursos relatados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos agora nas considerações finais retornar ao questionamento central que nos fez chegar até aqui. Que papel a categoria de tempo exerce nas narrativas orais de idosos?

Para responder a esse questionamento retomaremos as hipóteses apresentadas na introdução demonstrando que após ter concluído a análise do *corpus* podemos confirmá-las.

No decorrer da análise do *corpus* percebemos que a categoria tempo é um fenômeno decisivo na organização referencial do idoso, pois a locutora marca o tempo passado e o tempo presente. O tema proposto na conversa com a locutora contribuiu para que o tempo passado fosse mais mencionado na conversação do que o tempo presente. Entretanto, a locutora organiza sua conversação sobre o passado a partir do tempo presente. Por isso, podemos afirmar que os tempos passado e presente estão inter-relacionados.

Além disso, observamos que a categoria tempo evidencia a linguagem peculiar dos idosos, por meio do uso de marcas temporais e lexicais do passado, tais como: “naquela época”, “naquele tempo” e arcaísmos. As marcas temporais “naquela época”, “naquele tempo” que apareceram muito durante a conversação e os arcaísmos “balalaica”, “escuta”, “cruz da testa” comprovam que a categoria tempo demonstra a linguagem peculiar dos idosos.

A hesitação, muito frequente no *corpus* estudado, confirma a relevância da categoria tempo no discurso do idoso, pois indica a busca na memória dos vocábulos esquecidos que pertencem ao tempo passado.

Os resultados mostram que a marca de espaço, a distinção entre o tempo passado e o tempo presente, a descontinuidade da fala, os arcaísmos e a hesitação são características que manifestam e reforçam o valor que o idoso dá ao “ontem” em relação ao presente.

Os valores negativos que a sociedade impõe sobre a figura do idoso podem ser alterados através de modificações culturais e sociais, pois uma mudança de pensamento parte do individual até atingir o coletivo. Essas modificações estão acontecendo gradativamente, ao inserirmos um novo olhar sobre o idoso, vendo que, apesar das dificuldades psicofísicas em decorrência do avanço da idade, ele é capaz de contribuir socialmente de uma maneira peculiar.

REFERÊNCIAS

BBC BRASIL. **Número de idosos no Brasil vai quadruplicar até 2060, diz IBGE.** Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130829_demografia_ibge_populacao_brasil_lgb>. Acesso em: 24 mai. 2015.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** Lembranças dos velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Secretaria de direitos humanos. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil.** Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoaidosa/dadosestatisticos/DadosobreoenvelhecimentoonoBrasil.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

DEBERT, Guita Grin. **Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice.** s.d. Disponível em: <<http://www.mirelaberger.com.br/download/td13-guita.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

FREITAS, E. C.; PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional.** In: ENTREVISTAS Stella Bortoni. Disponível em: <<http://www.stellabortoni.com.br/index.php/entrevistas/1378-soiolioguiistia-iotiaaiioal-79248046>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

GOFFMAN, E. **A situação negligenciada.** In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998.

GOFFMAN, E. **Footing.** In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa. **Idoso: um novo ator social**. IX ANPED SUL 2012. Seminário de pesquisa em educação da região Sul. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1881/73>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

PRETI, D. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. **A linguagem dos idosos** – Um Estudo de Análise da Conversação. São Paulo: Contexto, 1991.

RICHTER, Marcos. **Pragmática do português**. Ministério da Educação. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, [sem data]. (Apostila do Curso de Letras sobre Pragmática).

ANEXO A - Normas para transcrição de entrevistas gravadas

Normas para transcrição de entrevistas gravadas

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do nives de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos éh:: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razoes ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	- - -	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...

Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião.. “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRRElra entre nós”...
<ol style="list-style-type: none"> 1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc) 2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?) 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números por extenso. 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) 6. Não se anota o <i>cadenciamento da frase</i>. 7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::.... (alongamento e pausa) 8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa. 		

Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no. 338 EF e 331 D2.

PRETI, D. (Org.) O discurso oral culto 2^a. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

Disponível em: <http://www.psrossi.com/Normas_entrev.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2014.

ANEXO B – Transcrição da entrevista

DIÁLOGO ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR (DID)

Tema: Vivência.

Duração: 49min 28s.

Data do registro: 17/02/2015

Siglas: Documentadora (D), Locutora (L) e ouvintes.

- D: a primeira pergunta que eu tenho a fazer a senhora é como foi sua inFÂNcia?...conTA um pouco assim como era sua inFÂNcia...
- L: tá... a minha in(fância)... foi bastante::... assim::... pode se (dizer) tumur/tumultuada porque a gente éh:: morava pra fora... enTÃO desde
5 pequenininho a gente trabalhava né ...
- D: [ahan sim
- L: aos dez anos de idade eu já estava na mangueira tirando leite com a minha mãe e ajudando em tudo que era coisa matança de porco... tudo isso aí...
- 10 D: [ahan
- L: então... é::... até os quinze anos mais ou menos... a gente morou pra fora né
- D: [tá
- 15 L: depois que a gente veio para a cidade né...
- D: [ahan
- L: quer dizer ERA na cidade mas era numa chácara né
- 20 D: [ahan
- L: PERto da cidade... então sempre ()... os meus pais tinham leitaria né... ajudava a tirar leite... naquela época todo mundo criava porco criava galinha se matava porco se matava galinha...
- 25 D: [ahan
- L: era uma (vida) muito trabalhosa mas NÃO ME ARREPENDO NEM um pouquinho por tudo isso que eu passei porque eu aprendi MULta coisa pra chegar até AQUI...
- 30 D: [ahan
- L: talvez se eu não tivesse tive/tido aquelas lições que eu tive como criança... pelas dificuldades que eu passei agora... depois de adulta... caSADA... MÃE... eu me pergunto será que eu teria aguentado?
- 35 D: [ahan
- L: não... ACHO POde ser... porque pra tudo tem ()... é como diz o ditado... “a gente sente dor é pra gemer” né... então não se sabe... mas eu acho que::... aí seria mais difícil... ia ser mais sofrido...
- 40 D: [ahan
- L: mas como eu digo vim preparada desde criança...
- [

- D: ahan
 L: assumi a família... casa... criei CINCO filhos... passei muito trabalho sim...
 45 meu marido ganhava pouco... e eu costurava MULto pra fora pra ajudar na
 despesa da casa e a educação do filho né...
 [
- D: ahan sim
 L: então essa foi a minha infância... depois eu já passei pra a idade mais
 50 avançada... aos dezessete anos eu me casei né...
 [
- D: bem nova
 L: bem nova... então...
 [
- 55 D: ahan
 D: ah::... outra pergunta... ah:: a senhora lembra assim... como a senhora me
 disse trabalhou bastante mas a senhora lembra de alguma brincadeira...
 comum na sua infância... que era mais comum assim...
 L: as brincadeiras naquela época a gente criava... por (exemplo)... as
 60 brincadeira a gente juntava ossinho da/dos porquinhos... da/dos DOS Bichos
 [
- D: ahan
 L: e fazia as nossas fazendas né...
 [
- 65 D: Ata
 L: pegava os sabugo... pegava esses cavaquinhos fazia mangueirinha e tudo...
 ali era os cavaquinhos... a vaquinha o cavalinho... tudo aquilo era a nossa
 brincadeira... boneca eu nunca vi...
 [
- 70 D: era muito raro
 L: e aí tem uma coisa que na minha infância eu SÓ fui botar um calçado nos
 pés... eu acho que eu tinha assim... um calçadinho melhor... eu acho que uns
 dez anos... que o primeiro sapatinho eu acho mais ou menos que naquela
 época se chamava *balalaica*...
 75 [
- D: ah
 L: era um calçado tipo tamanquinho mas com aquelas tirinhas coloridas e
 tudo... era uns... era tipo uma sandalinha que se usa hoje...
 [
- 80 D: ata
 L: mas as/os parte de baixo era cepa de tamanco né...
 [
- D: Ah entendi... é era diferente do que é hoje costuma ver... que hoje é tudo
 pronto né...
 85 [
- L: é... naquela época por exemplo a gente mocinha sabe qual era a nossa
 diversão? era brincar de roda... de chicote-queimado... de se esconder...
 [
- D: ahan
 90 D: e o que que é esse chicote-queimado ((riso))?
 L: chicote-queimado era uma porção de crianças assim...
 [

- D: ah
- 95 L: se ajuntava assim... e se davam as mãos e depois soltavam... soltavam e tinha um que ficava... se chamava capitão... tinha um:: chicote como se fosse uma vara... uma coisa assim né...
- [
- D: ahan
- L: ele corria ao redor tudo e largava atrás de um
- 100 [
- D: Ata
- L: e aí se ele via era... mas as vezes a pessoa o/a se distraia ali... se ele via ele pegava bom e sai correndo atrás... porque se ele não via tomava uma chicotada né...
- 105 [
- D: ah entendi
- L: então... aí se ele via ele saía correndo e dava em outro... se o outro não achasse ele tomava chicotada também...
- 110 [
- D: ahan
- L: e assim ia até passar toda roda
- [
- D: ah entendi... é brincadeira diferente que a gente não costuma conhecer agora né... cada...
- 115 [
- L: é
- L: hoje as crianças nem os brinquedos...
- [
- D: não usam
- 120 L: assim motorizados... eles não ligam mais... é só televisão e notebook... mas naquela época não existia nada disso...
- [
- D: ahan
- 125 L: era correr atrás de porco... meus irmãos... vocês não sabem o que faziam... meus irmãos nós se ajuntavam tudo assim... só imagina era sete filhos né... nove mas depois...
- [
- D: ahan
- 130 L: meus irmãos iam pegar os terneiros... amarravam lata no rabo dos terneiros e tocavam ((risos))...
- [
- D: ((risos))
- L: quando o pai e a mãe chegavam em casa... "mas o que que é isso?"... a foi a fulana que fez... mentira tinha sido ele né...
- 135 [
- D: ((risos)) uma brincadeira que é mais CRIADA né
- [
- L: sim
- 140 L: era o que existia naquela época né
- [
- D: sim

- L: não tinha... boneca... nem boneca de pano eu nunca tive
- 145 D: [ahan
L: era trabalho... mas eu estava dizendo pra ela... eu não me arrependo nem um pouquinho... eu trabalhei hoje... e valeu muito ((grito)) se eu tivesse:: talvez não tivesse passado por isso... será eu fico pensando será que eu enfrentaria a vida que eu enfrentei?... cinco filhos... dificuldade trabalhando ((canto de galo ao fundo))... e trabalho até hoje... as vezes eu me deito duas horas da madrugada...
- 150 D: ah:: e assim de toda infância que a senhora lembra tem algo que MARcou bastante a senhora... na infância assim... na juventude... na infância... alguma lembrança que a senhora tenha?
- 155 L: minhas lembranças são muitas mas a lembrança mesmo que eu tive foi a seguinte... tinha um alemão que morava perto da nossa casa... e ele tinha uma filha... nós estudávamos no mesmo colégio...
- D: [ahan
- 160 L: e um dia ela me surrou... ela era maior que eu e ela me surrou... quando eu esperei o outro dia... eu era danada...
- D: [((risos))
- 165 L: ah está bem tu me paga... ela era uma BALta de uma alemoa e eu era um toquinho assim... dei uma TUNda de pau naquela guria que nem sei
- D: [((risos))
- 170 L: aí o homem foi lá... “olha seu João o senhor tem que corrigir sua filha porque ela bateu na minha que nem sei agora”... “pois é... mas ela bateu porque a sua bateu nela primeiro né” ((risos))...
- D: [((risos))
- L: então aquilo eu nunca mais me esqueci né...
- 175 D: [sim
L: aí ficou tudo bem né... mas foi lá fazer queixa... o PAI não foi fazer queixa pra ele... mas ele veio fazer queixa para o pai...
- D: [((risos))
- 180 L: ela era uma baita de uma alemoa né... e outra coisa era no colégio... naquela época se levava melenda/merenda para o colégio... e sabe como é pra fora... ou era ovo cozido ou era batata cozida/assada... essas coisas que se levavam... ovo... ou pão com manteiga só... as vezes torresmo... e um dia a minha irmã levou... a minha irmã mais velha que eu... levou uma batata...
- 185 D: [((risos))
L: e lá pelas tantas no meio da gurizada ela derrubou a tal de batata... e os outros CAÍram em cima dela... “Olha só a merenda dela é batata” e caiu todo mundo na risada...
- 190 D: [((risos)) todo mundo começou ah::

- L: eu fiquei brava... tá tudo bem... aí no outro dia nós saímos da aula... era ela e os... ela era metida com um namoradinho... eu peguei... até hoje eu... peguei os () dos dois e dei uma TUNda de pau naqueles dois...
- 195 [((risos))
D:
L: que não foi fácil... mas... eu não sei... e era guria menina quando... e aí a mesma coisa o homem foi lá se queixar para o pai
- 200 [((risos))
D:
L: “ah mas eu não mandei sua filha/seu filho lá se mete com a minha filha mexe com ela... bem feito”... nunca mais me esqueci daquilo... mas eu não me esquece do que eu DEI mas DEI MESmo... eu dei na guria e o guri veio defender e eu dei nele também...
- 205 [((risos))
D:
L: claro... criança pra fora ali e dá com PEso com TUdo né... eles criados na cidade... eram uns molengos...
- 210 [((risos)) sim
D: ah e a senhora chegou ah:: ir na escola... quanto tempo que a senhora frequentou a escola?
L: eu frequentei a primeira vez... tem outra coisa... esse sim me marcou muito... tinha aquele... não é que nem hoje que tem qualquer coisa... era uma
- 215 professora particular que dava aula... a dona Leonor... então a mãe botou os meus... os outros quatro irmãos mais velhos no colégio... eu era pequenininha ficava em casa... mas a professora não tinha filho... ela convenceu a mãe pra me deixar ir para o colégio lá e tudo... ora criança criada pra fora... acostumada... aí diz ela assim... “ah dona Horécia deixa a Olga ir para o
- 220 colégio porque não sei que tem” dizem que eu era uma criança MUIto bonita... loira com o cabelo bem cacheado tudo... lá fui eu pro colégio... e ELA... eu não ia aprender tinha uns cinco anos né... hoje a criança com cinco... aí ela invés de... ela me levava me botava em cima de uma cama me dava boneca quando não tinha boneca ela estava comigo no colo na sala de aula e tal e coisa... eu
- 225 não acostumada ora de ficar presa ali... eu fugi do colégio... [((risos))
D:
L: com CINCO anos eu fugi do colégio... e nós morávamos LONGe... e aí eu até não sei... hoje não sei... eu... e naquele tempo tinha/existia carro mas era
- 230 muito pouco... e a mãe sempre ensinava... “olha quando vim um carro se cuidem... se tiver barranco pra subir sobe”... desce... tá... e aí eu pra casa... subia uma/qualquer condução pra cima do barranco eu descia... e um senhor começou a me... de carroça a me cuidar ((canto de galinhas ao fundo))... “como é que essa criança anda sozinha o que que tu”... aí ele olhou assim... digo
- 235 naquele tempo não existia maldade... “minha filha o que tu está fazendo aí... quem é que está contigo?”... eu estou sozinha... “mas aonde que tu vai?”... eu vou pra casa... “mas tu sabe ir pra casa?”... eu sei... “tu sabe mesmo?”... sei... “tá então sobe na carroça que eu vou te levar”... aí foi foi foi... e não chegava nunca era longe que nem sei... quando vi... OLHA é LÁ naquela casa que eu
- 240 moro... aí ele desceu da carroça e foi lá sabe... “é aqui que... está lá na carroça uma menina que diz que mora aqui então eu vim saber se é de vocês”... e pra

- isso já tinha se espalhado por tudo... mesmo sem televisão sem nada na época a professora botou o pessoal da prefeitura lá que trabalhava na britadeira e todo mundo atrás de mim né... e aí diz... mas eu estou sabendo... então
- 245 vai/vamos lá... era lá mesmo... claro que era... aquilo eu nunca mais me esqueci... cinco anos... como é que uma criança... hoje as crianças já já estão enxergando longe... mas fugir daquela distância sozinha... e pelo jeito eu ia chegar em casa porque como é que eu disse para o carroceiro... não sei é ali/ali naquela casa...
- 250 D: a senhora soube o caminho de volta?
L: soube o caminho de volta... olha deve ser um anjo da guarda porque... isso aí eu NUNca mais me esqueci...
D: daí a senhora voltou depois a frequentar a escola ou não?
L: não daí eu não fui mais na aula... não...
- 255 D: daí só essa/essa:....
L: acostumada a viver correndo no pátio atrás de porco...
- D: [ahan
L: de galinha e tudo... e fica presa lá no colo sentada em cima de uma cama:....
260 criança não fica...
D: [sim
L: não fica hoje... naquela época como eu digo criada no campo...
- 265 D: [sim
L: aquilo ali eu nunca me esqueci...
D: ah::... e a senhora lembra de ter muitos amigos... como que era na sua infância... juventude... convivia com muitos amigos ou era mais com familiares?
L: a gente foi ter mais amigos quando a gente morava em Carazinho né...
- 270 D: [ahan
L: aí nós se criava... era uma gurizada ali... tinha os filhos do seu::... Marcondes... do seu::... Aníbal... tinha os filhos do seu::... Lúcio e tinha a filha do seu::... GREgório que era um monte de gente... eles tinham VINte e quatro
275 filhos...
- D: [nossa
L: e os maiores iam pra brincar com a gente nos finais de semana... e o pai ficava bravo... eles iam pra lá e nós ia/arrasava comendo frutas né... e o pai
280 dizia pra a mãe... “mas que coisa essa gurizada vem incomodar todos fins de semana” ... eu me lembro... “aí João não vão a parte nenhuma essas crianças deixa eles... pra que tu tá rezingando... deixa... pelo menos estão em casa... eu estou vendo onde eles estão”... aí o pai nunca mais falou... e depois quando eu sai de lá... nós saímos de Carazinho em quarenta e::... era quarenta e poucos...
285 ah:: o ano não me lembro bem... aí nós fomos para Sarandi... Sarandi ali a gente morou pouco tempo... tive poucas amizades... tinha o/só Pazine... a Lenita Pazine e a prima dela que eu não me recordo... e as filhas dos... agora eu não me lembro bem o nome delas... só que me lembro do apelido delas era a Nitia... a Leonor... é::... eu sei que ali foi pouco tempo que a gente morou... dali
290 nós fomos pra Erechim... foi em Erechim que eu conheci meu marido...
D: a senhora nasceu em que cidade?

L: Cruz Alta...

D: Ata

L: é::... não era totalmente centro de Cruz Alta... era distrito de Cruz Alta...

295

D:

[
ahan ata

L: ali eu me criei... depois nós fomos pra Erechim... chegamos em Erechim... em POUco tempo... por isso eu digo existe destino sim... chegamos lá e nós moramos em uma casa e ao lado da casa que nós morávamos tinha uma

300

família dos Garcia né... e::... e eles ah::... eu sabia que o pai tinha comprado uma grande quantidade de terra no Paraná né... então a filha deles... é::... o fi/a velha que morava ao lado da nossa casa queria que o filho deles namo/me namorasse... eu era guria e::... aí não deu certo... eu já tinha tido namorado... namoradinho coisa de... coisa... aí a mãe disse olha... “AGORA TU NÃO ME

305

NAMORA MAIS... CHEGA” tá tudo bem... naquele tempo mandava e tinha que obedecer... aí lá um dia eu estu/aí voltei a estudar de noite... eu e essa sobrinha desse vizinho ali... então nós estudávamos de noite e ele ia lá nos buscar... e:: ele e o Ademir eram amigos e trabalhavam na mesma repartição... por isso eu digo... nós vinha vindo da... ele tinha ido nos busca

310

estava na frente do cafré/do café::... avenida parece que era... eles iam sempre levar cafezinho ali... aí desceu uma senhorinha assim... “mas que homem simpático bonito mas tem cara de casado” e ai a me/a/o olhou pra ela e disse assim “mas quem é aquela guria hein?”... “aquela guria lá é minha vizinha”... “AH NÃO eu vou casar com ela”... tá tudo bem passo... o que uma semana...

315

ele o Garcia convidou ele para almoçar na casa deles que era pra mim conhecer... que era lado a lado... aquele dia nós tinha ido para fora lá:: na casa de um amigo nosso almoçar... então houve um desencontro... quando foi na volta que ele ia indo para ir para o serviço e a gente vinha do passeio que as seis horas da tarde ele tinha que trabalhar no correio... então se encontramos

320

assim... um encontro... tá nós conversamos... fomos apresentados e tal e coisa... não mas aí ele (garra) e me escreve uma carta... eu acho que eu devo ter/TEnho até hoje a carta... me escreveu uma carta dizendo que ele gostou muito de mim e que ele queria que/ir no cinema comigo... e naquele tempo a mãe solta a filha pra ir no cinema mas capaz... aí nó fomos primeiro assistir...

325

daí::... mas quando eu recebi a carta assim dele eu estava lendo quer dizer a mãe disse... “AH chegou carta pra teu pai”... não mãe isso não é do pai é de um rapaz... e aí o que é que eu faço mãe?... “vai ler MAS DEPOIS eu quero ler”... tá mãe então tá... aí ela leu a carta e depois eu tinha que pedir a resposta da carta... e agora... tinha que enfrentar a fera não adiantava... e daí mãe o que

330

que eu faço?... “TÁ responde a carta então”... respondi a carta... me convidando para ir ao cinema no domingo de noite... domingo ou sábado eu não me lembro bem... aí ele foi lá... não me esque::... a primeira vez ele me levou um anel de ouro com uma pedra de esmeralda... aí fomos no cinema e voltamos... e tinha que voltar cedo há tantas horas... que horas tem... ata... eu acho até que a mãe

335

foi muito complacente porque eles não deixavam a gente sair assim nem de dia... aí fazia... e aí nós fomos no cinema e tal e coisa... aí ele disse assim... “olha Olga eu queria falar com a tua mãe”... naquele tempo não tinha esse negócio... ele sabia que o pai estava no Paraná né... “quero falar com tua mãe porque:: porque eu quero te::/quero visitar a casa de vocês... quero firmar

340

meu/o namoro”... aí eu disse olha... aí ele estava... o dia que ele foi lá pra falar com a mãe mesmo... eu NUNca me esqueço dessa minha irmã que mora em

- Passo Fundo... a gente naquela época... o pai comprou... comprou... comprou... botou TUDO que era dinheiro que ele tinha em TERRAS... e não ficou com reserva de dinheiro assim... e a minha mãe estava cozinhando tinha
- 345 ferventado um buchinho o que a gente chama hoje de mondongo e pra depois fritar... aí ela gritou... ela deixou fritando e estava conversando com o Ademar... MÃE o buchinho está queimando... a mãe ((risos))... tá foi correu lá... aí depois voltou e disse “é mas o senhor sabe como é que é”... “tá tudo bem dona Horécia”... aí TRÊS meses de namoro ele pediu para o pai dele no Paraná...
- 350 está... “olha seu João eu tenho boas intenções com sua filha eu quero me casar com ela”... tá aí falo... falo... falo que ele tinha um chefe do correio... tá... tá... tá... na janta aí... “então tá AMANHÃ eu lhe dou a resposta seu Ademar... amanhã lhe dou”... foi ontem de noite... aí no outro dia se levantou e foi lá... chegou lá o Ademar estava dormindo porque ele tinha trabalhado de noite né...
- 355 sim... bá que chato... vai pensar que é um vagabundo porque estava dormindo... aí:: foi... tá então tá... agora nós... vai ser... ele o Ademar que estabeleceu três meses de namoro pra casar em seis meses... aí tá três meses de namoro me me lembro que botei a aliança no dia ONZE de outubro... e nós se conhecemos no dia de San/Santo Antônio... dia onze de outubro eu botei as
- 360 aliança pra casar em seis meses... aí o pai não pode me aprontar uma escuta... só pra ti ver a minha história como é que foi... aí... e daí?... o pai não pôde me aprontar... não tinha como eu me aprontar... aí o pai escreve uma carta pra a mãe avisando a mãe que ele vinha buscar nós... aí o Ademar disse “olha Olga se teu pai vier buscar tua mãe nosso noivado vai terminar porque eu não posso
- 365 ir no Paraná te visitar” e naquele tempo condução pelo amor de Deus... tá tudo bem o que que eu vou fazer não sei mais... aí ele foi embora de noite triste... no outro dia de manhã ele voltou bem mais alegre... ué o que ouve?... “achei uma solução para o nosso caso”... fala vamos ver o que eu faço... “TU casa comigo assim mesmo sem nada que nós temos?”... eu caso...aí desci... antes
- 370 do pai vir buscar a mãe... e agora?... meu sonho era casar vestida de noiva... e ele diz que... aí eu disse assim... ele “eu também eu sonho que tu case vestida de noiva e que nós case no civil e religioso e eu quero também casar ((som ao fundo)) eu vou fazer fatiota e nós vamos casar”((som ao fundo))... ele mandou fazer meu vestido...e olha nós não tinha... sabe o que que nós tínhamos... só
- 375 um lençol... depois nós tinha comprado uma cama... aí ele mandou fazer meu vestido confeccionado... era muito bonito meu vestido de tule a (paz) de lisa e a parte de cima era tule bordado... muito bonito...
- [
- D: ahan
- 380 L: a sobra do tecido a costureira fez tudo um tope bem grande atrás... casamos civil e religioso... ELE deu a festinha que tinha que dar e seu Verneu Pinho que deu a/as:: bebida... nunca mais me esqueci... então eu digo... se a pessoa que caso com uma mão adiante e outra atrás ESSA pessoa fui eu... porque eu não tinha nada... nós fomos enfrentar a vida sem nada... e o pior de tudo veio
- 385 depois... quatro dias depois de casada tive apendicite aguda...
- [
- D: nossa
- L: entre a vida e a morte... e daí?... sem dinheiro sem nada... naquela época não tinha SUS não tinha nada... ele teve que arrumar ah:: como é que se diz::
- 390 um dinheiro com o chefe dele pra mandar me operar mas me operou graças a Deus... eh:: mas eu quase morri na mesa de cirurgia né a mãe disse que não

- 395 tinha esperança de me salvar... me deram ah... naquele tempo não era
 anestesia era clorofórmio né... a mãe disse que eu comecei numa ronqueira
 ronqueira ronqueira diz que foi uma correria naquele hospital era médico pra
 tudo que era lado correndo... a mãe disse não tem mais... diz que o Ademar
 quando estava ali quando deu o primeiro corte ele desmaiou né... ele diz que
 não mas é::... aí e agora vamos fazer... aí mas conseguiram me me salvar
 né... mas foi uma coisa muito difícil... e ainda me lembro como se fosse hoje...
 400 ah o Negro ((apelido do filho da locutora)) ele não era de tempo normal de
 gravidez o médico disse ainda “olha minha filha” ah e o médico disse assim
 “meu Deus do céu eu não podia imaginar que uma criança uma menina dessa
 tivesse problema de coração”... porque tinha por causa daquele clorofórmio...
 não sei se me deram excesso de clorofórmio não sei o que que aconteceu... aí
 eu tive aquela coisa e vim pra casa nós casamos dali três quatro dias...
 405 naquela época tinha que ficar QUINze dias de cama por causa de uma cirurgia
 de apendicite... olha hoje tu saí da mesa de cirurgia caminhando... e assim foi...
 meu filho... LOgo... e ele me disse “minha filha tu não fica grávida antes de seis
 meses porque isso aí pode pode”... ele não disse minha filha menina... “isso
 pode afetar” pelo problema que eu tinha tido... “tu pode ter abortar ele pode
 410 nascer com sequelas e aquela coisa e tu pode até abortar bem próximo quando
 tiver mais meses de gravidez”... fazer o que tem que aguentar... mas nasceu
 bem e tudo era uma criança perfeita assim mas ele era bem de antes do
 tempo... mas graças a Deus se criou e tudo... e assim a vida inteira e morando
 aqui e morando ali... tu ((neste fragmento a informante dirige-se a uma pessoa
 415 conhecida que estava presente ouvindo a conversa)) sabe como é que foi a
 minha vida eu conheço diversas cidades do estado de porque ele era
 funcionário federal né...
 [
 D: ahan
- 420 L: a gente por exemplo... eu estava dizendo... tu quer ver como é que é... eu
 nasci em Cruz Alta me criei em Carazinho morei em Sarandi morei em
 Erechim... aí Erechim fui pra São Borja... São Borja Quaraí... Quaraí
 Uruguaiana... agora o que mais me chamou a atenção que quando eu era
 criança meu pai era getulista de cruz da testa e brizolista então... MAS eu vivia
 425 nos comícios com o pai... a gente naquela época... e eu dizia assim quando
 criança... eu adorava o Getúlio... eu não quero morrer sem conhecer São
 Borja... não sei... não sei na minha mente eu achava que São Borja era uma
 cidade espetacular porque era a cidade do presidente... olha por isso eu digo
 as coisas acontecem na vida e existe... depois de casada a transferência do
 430 Ademar pra São Borja... aí eu fiquei feliz da vida... mas se tu visse a minha
 maior decepção que São Borja era um casario velho... mas CREdo que coisa
 horrível... pra ver como é que as coisas... eu achava que São Borja fosse uma
 BALta de uma cidade... não ... hoje São Borja tá mudada é outra cidade... mas
 naquela época não era um casario velho que vou te contar... e ali dali nós/ele
 435 foi transferido para Quaraí né... depois de Quaraí pra... ele queria muito vir pra
 Santa Maria mas enquanto ele trabalhava ele nunca conseguiu transferência
 pra cá... aí passou pra Uruguaiana... ali sim a gente morou muitos anos...
 (cruzada)... em São Borja a gente morou uma porção de anos também... São
 Borja nós fomos em sessenta e quatro e saímos em setenta né... mas olha eu
 440 digo olha mas foi muito bom também porque essas convivências que tu tem
 com outras pessoas e outro lugar e tudo... e ali tinha aquela São Borja depois

São Borja Passo de los Libres lá no... ali do... ali do Uruguai ali como é que é Artigas tudo ali a gente... então eu achei muito engraçado porque eu fui fazer uma compra... claro a gente está longe nunca... e eu vi linha de costurar numa

445 loja lá em Artigas... aí eu cheguei assim e aí digo eu quero dois retrós de linha tal cor... retrós de linha... ele olhou assim... “não tem”... não tem?... “não não tem”... digo tem sim está aqui... não isso aí é torniquete ((risos))... ((som de pássaro ao fundo)) torniquete... digo olha o que foi pra mim te digo eu não me arrependo nem um pouquinho porque naquela época dizia botava a trouxinha

450 nas costas e me ia embora... aí depois que ele se aposentou que daí ele conseguiu e mesmo muito depois que ele se aposentou que ele conseguiu vir pra cá... a maninha estava na faculdade na época lá né ... mas tá aí a minha vida tem sido isso aqui agora... trabalhando até de madrugada e eu tenho... eu digo uma coisa eu parece que eu tenho um bicho carpinteiro... eu não sei

455 parar... eu estou parada aqui porque vocês estão aqui... porque eu não estou costurando... de manhã por exemplo eu arrumo a casa e faço comida e::... aí de tarde depende do que tem pra fazer... se o tempo não tiver com o sol quente eu ainda venho lidar no pátio e tal e coisa... aí depois da da novela eu vou pra sala de costura e eu tenho uma coisa comigo é um grande defeito depois eu

460 vou contar o que que me aconteceu uma vez... eu vou pra a salinha de costura lá e vou onze e meia meia-noite uma hora duas da madrugada... trabalhando... eu agora diminui um pouco o ritmo disso aí porque eu digo eu acho que sou meia louca né porque viver trepada mexendo mexendo vivo trepada arrumando essas coisas podava árvore podava tudo... eu fui um dia sair daqui às oito

465 horas... tinha aquela trepadeira ali manto de viúva que diz que dá uns cacho roxo muito bonito e ela começou a tomar conta da da... falei com um falei com outro a coisa mais difícil é tu arrumar pessoa pra trabalhar... ninguém fazia... saí tomei café de manhã às oito horas e fui pra lá pra podar... sem mentira nenhuma eu trabaei/trabalhei das oito horas da manhã as seis da tarde

470 podando... mas eu começo e quero que terminar... sem almoço e sozinha... quando eu vim pra dentro de casa sem mentira nenhuma eu subia essa escada de quatro pé e aqui de quatro pé... eu não posso saber como é que que eu tomei banho... eu não conseguia me levantar... também levei quase um mês pra me recuperar depois... eu digo agora eu não faço mais isso antes eu fazia...

475 eu fazia cada loucura que... agora ainda faço volte e meia eu estou trepada aqui apanhando... botando as flor/água nas flor plantando uma e tirando outra... eu sei que tem coisas que... é ariscado... mas eu me conheço... eu sou... eu TEM pra fazer eu vou... que as vezes tu não acha quem faça... filho pouco tá ligando né... o Zé esses dias há pouco tempo ele me fez uma que vou te conta...

480 encerro?...

D: não... tem mais perguntas ((risos)) é:: eu queria saber a senhora lembra as gírias alguma... alguma fala que tinha ou que a senhora lembre que não tem mais por exemplo?

L: é antigamente principalmente ah:: que se usava muito era as pessoas que

485 estava assim... principalmente quando tinha uma pessoa bêbada... ih:: tu tá bêbado?... eu não... eu tô mais firme que palanque/paianque em banhado... isso aí era era coisa mais comum... tem outras coisas também... tinha um monte... que no momento assim a gente as vezes não se lembra...

D: que nem a senhora disse ali ah:: aquela da do... tamanco né... balalaica

490 essa eu não conhecia também... balalaica...

[

- L: é:: balalaica
aquele que é o primeiro calçado...
- 495 D: [
ahan
L: porque foi engraçado... tu sabe que eu não estou registrada certa... meu registro... se eu vou pelo meu registro eu estou com... fiz recém oitenta anos... não setenta e nove é... mas me registraram dois anos depois... e quando a gente era eu era pequena diz que eu era uma boneca... e a gente foi... a minha
- 500 mãe engravidou aí veio essa minha irmã mais nova... aí depois ela nasceu e aquela confusão...e era correria pra cá... eu me lembro da sala mas a cidade que a gente morava naquela época eu não me lembro...
- D: [
ahan
- 505 L: daí a minha madrinha e todo... é mais moreninha mais moreninha que os outros... é moreninha e todo mundo falava que era moreninha... mas eu já tinha uns dois anos pra pra fazer o que eu fiz eu acho que tinha que ter uns dois anos... daí perguntaram “agora vamos lá minha filha vou lá conhecer a maninha?” eu não vou eu não quero conhecer essa negra... “não minha filha”...
- 510 porque achava que moreninha pra mim era preta né era negra...
- D: [
ata...
- L: daí a minha... “não minha filha vamos lá pra ti ver conhecer a maninha”... digo eu não vou... “vamos lá a madrinha faz o seguinte eu te dou uns tamanquinhos se tu for lá”... olha só e era tamanquinho mesmo...
- 515 D: [
ahan
- L: “pra ti ir lá conhecer a maninha”... foi o jeito que conseguiram me levar pra ver a maninha
- 520 D: [
((risos))
L: me dá um tamanquinho de presente...
- D: [
ahan ((risos))
- 525 L: aquilo eu nunca me esqueci né... bá... e até essas gírias essas coisas tinha mas assim... é com o decorrer do tempo a gente vai esquecendo essas coisa né...
- D: [
ahan
- 530 L: mas tem muita coisa que... bá o patrão a patroa como é que é como é que se diz... ai tinha uns nome tão esquisito... mas dessas gírias tem muita coisa mesmo no momento assim não me ocorre
- D: [
não lembra... e::... o que eu ia lhe perguntar do vestuário das roupas como é que eram... como é que era se mudou ou era parecida com hoje...
- 535 L: [
as roupas eram... quer dizer é parecida... é e não é...
- D: [
o jeito de se vestir
- 540 L: as primeiras roupas que eu botei se chamava pelúcia ou saquinho de açúcar é:: ((risos))

D: [((risos))
 L: é essa a minha roupa de ir no colégio era saquinho... ah não era saquinho
 545 de farinha de trigo alvejado e as roupas era vestidinho franzidinho... eu nunca
 me esquece porque dizem que eu era uma boneca e a minha madrinha levou
 um tecido muito bonito lá que a minha madrinha... pra mim... pra fazer um
 vestidinho pra mim... a minha mãe costurava né... aí a mãe garrou e fez o
 550 vestido e aí a minha madrinha avisou que ela ia lá pra casa... aí a mãe “não
 agora tu vai tomar banho e botar o vestidinho que a tua madrinha ((risos)) te
 deu pra ti mostrar pra ela”... tá tudo bem até aí nada de mais... mas eles
 ficaram papeando ora criança... eu fui para o arvoredo subi nas árvores
 ((risos)) apanhar bergamota... e eu subi na árvore e quando... em vez de eu me
 555 descer direitinho eu me atirei da árvore e tinha um toco tinham podado a árvore
 enganchou a barra do meu vestido e rasgou de fora a fora...

D: [nossa
 L: ficou só uma tira do vestido... tomei uma tunda de pau que não foi fácil...
 aquilo ali eu não me esqueci também... outra tunda de pau que eu tomei mas
 560 ali eu já era grande e a minha irmã mais velha também... mas nós apanhamos
 as duas... que eu era muito... eu sempre fui muito puxa saco da mãe... FUI...
 TUdo que a mãe ia fazer eu estava lá... a mãe sempre dizia de mesmo depois
 “essa aí o dia que casar não vai se apertar”... tudo que a mãe ia fazer eu ia
 565 fazer... porque eu sou muito curiosa eu quero ver como é feito o que que é feito
 se... eu estava sempre junto com a mãe... sempre sempre... então enquanto o
 pai e mãe iam cestar ao meio-dia eu trepava nas árvores MAIS alta que tinha
 pra apanhar as bergamota ou laranja mais bonita para trazer pro pai e pra
 mãe... e a minha irmã mais velha tinha um pé de bergamota bem perto da
 570 casa e a minha irmã mais velha foi lá e comeu eu larguei tudo lá embaixo
 quando cheguei lá não tinha nenhuma ela tinha comido tudo

D: [((risos))
 L: eu me botei de unha e dente nela que não foi fácil... e a mãe “o que que está
 575 acontecendo aí?”... a mãe venho com um reader lá ((risos)) deu uma TUNda de
 laço em nós duas e ela já era mocinha ela não era... mas apanhemos que nem
 sei... tá então tá... “agora as duas vão se abraçar”...

D: [((risos))
 L: aí depois... “tá agora vão se... as duas vão se abraçar” depois de ter topado
 580 aquela toda coisa tinha que se abraçar... apertar a mão e se abraçar... aquilo ali
 MARco a vida da gente... porque o pai não surrava a gente... a mãe surrava...
 porque o pai deixava tudo passional a mãe... mas também a mãe tinha uma
 coisa de bom... porque a minha mãe... a minha mãe quando a gente era
 585 criança podia porque ela trabalhava na lavoura fazia tudo e vaca de leite tinha
 dez doze vaca de leite... mas quando chovia ou era muito frio a mãe sentava ao
 redor do fogão a lenha - - tem um me esqueci de um cinzeiro lá meu filho - - e
 ia contar história de antigamente aquelas fantasias aqueles ah:: aqueles
 fantasmas que apareciam enterro de dinheiro pra lá e aquela função toda e a
 gente ficava... e o que me lembro uma coisa que a mãe sempre dizia... eu digo
 590 a minha mãe leu a bíblia de ponta a ponta... porque tudo o que a minha mãe
 dizia quando a gente era criança tá acontecendo HOje... aí nós crianças a mãe

falo “onde é que se viu abrir brecha na terra e as casa cai dentro onde é que se viu”... hoje eu me lembro perfeitamente disso que ela disse e tá acontecendo hoje... digo a minha mãe foi uma mulher que leu a bíblia eu acho de ponta a
595 ponta porque ela sabia tudo...

D: [ahan

L: é digo tudo que eu ouvi da minha mãe quando criança hoje tá acontecendo... vendaval isso aí tudo ela desvendou tudo... “vocês vão ver coisas terríveis
600 ainda vocês são novo eu já não alcanço mas vocês vão ver o que vai acontecer nesse mundo”... a gente achava que... a mãe acho que tá louca... não deve ser... e foi pura verdade...

D: e a senhora ah:: a senhora foi ou é costureira né...

L: é

605 D: tá e a senhora começou isso desde criança?

L: desde criança...

D: ah tá

L: aos doze anos de idade eu fui aprender corte... ora criança... não porque a
610 minha irmã mais velha que eu tinha que fazer o curso de costura que o pai e mãe queriam né... mas ela não podia ir sozinha... aí tiveram que pagar corte e costura pra mim e pra ela...

D: [ahan

615 L: então desde essa idade foi que eu comecei a aprender lidar... agora Essas coisas que eu faço hoje... esses patio essas coisas

D: [ahan

L: isso eu aprendi sozinha aqui com... ah eu achava bonita tal e coisa... uma
620 coisa que eu nunca mais vou esquecer... o primeiro livro de patio que eu vi que eu fiquei vendo... naquele tempo patio se fazia emendando os retalinho de tecido a mão... eu disse assim... eu tinha muito tecido porque... imagina só se eu vou me prestar a anda emendando reta/pedacinho de tecido e não o que tá... é claro que hoje é máquina é mais fácil né... então eu nunca mais me esqueci daquilo... se eu vou tá ajuntando retalinho... não é o que eu faço hoje...

625 D: ((risos)) e a sua mãe era costureira ou não?

L: ela não era costureira não ela costurava muito bem...

D: [não... tá

L: quando ela foi embora pro Paraná ela disse que... ela fazia a minha mãe
630 fazia cada bombacha coisa mais linda... o pai não usava bombacha feita por outro era só minha mãe que fazia né... e lá no Paraná ela foi fazer bombacha e tudo mas ela não era totalmente... era dona de casa e plantava e::... a mãe era um::... coisa de louco... e ainda ela me disse agora quando ela foi pro Paraná ela me disse assim “olha Olga na terra do cego quem tem um olho é rei”
635 porque ela disse que nunca tinha feito vestido de noiva e ela teve que fazer vestido de noiva lá no Paraná... numa maquinazinha de mão...

D: [nossa

640 L: é isso aí eu... eu nunca me esqueci daquilo... olha a primeira vez que nós fomos visitar a mãe no Paraná eu já tinha dois filho... era o Zé e o Negro... aí nós saímos daqui de Frederico de... nós saímos de de Uruguaiana... não

- sabe... não ali nós já estava aqui... aí fomos até... nós ainda morava aqui... nós peguemos o ônibus e fomos até Pato Branco... Pato Branco tinha que pegar outro ônibus pra ir até... como é que é Pato Branco... Francisco Beltrão... aí nós
- 645 posemos num hotel... mas o pai morava pra fora mas a gente achava que era pra fora... aí tá... aí eu digo mas como é que a gente vai chegar lá pra as pessoas conhecidas dali...
- D: [ahan
- 650 L: “olha pra chegar lá só de carroça não tem condução aqui”... aí tá... arrumou um carroceiro lá a gente pagou o carroceiro pra nos levar... os guri eram pequenininho pra eles era a maior festa do mundo davam risada de andar de carroça...
- D: [sim
- 655 L: eles riam que se matavam... aí não é nada... aí o homem disse pro carroceiro “olha eu posso lhe trazer só até aqui” disse para o Ademar... “porque eu tenho que voltar porque senão eu vou chegar de noite em casa tá”... e agora o que a gente vai fazer?... “não o senhor espera aí vou ver se eu consigo”... ele
- 660 arrumou um carroção de boi para nós ir...
- D: [((risos))
- L: nós fomos chegar lá ((risos)) onde a mãe morava de carroção de boi...
- D: nossa
- 665 L: esses guri riam riam que se matavam de rir de ir de carroção...
- D: [((risos))
- L: de TÃO longe que era... o gás/o mais engraçado que eu achei foi o seguinte...
- 670 D: [nossa
- L: o Ademar não era acostumado a andar a cavalo né... aí ele pegou assim... no outro dia e vou lá na cidade um lugarzinho pequeno que tinha lá pra comprar algumas coisas pra nós de comida... ((risos)) ele foi lá quando de
- 675 tardezinha quando ele voltou não conseguia nem descer do cavalo ((risos)) estava duro...
- D: [((risos))
- L: aquilo ali foi... meu Deus do céu era uma loucura as coisas lá... eu não sei a
- 680 cabeça do pai naquela época ir embora pro Paraná... e depois foi lá comprou grande quantidade de terra... vendeu... tinha madeira de lenha lá que era uma coisa de louco... aí o cara comprou tirou toda madeira de lenha e depois vendeu pra ele de novo... mas aí tu viu já o valor que tinha aquilo ali já não tinha mais... aí depois a mãe quebrou a perna eles tiveram que vir pra
- 685 Carazinho... a trajetória da vida dele foi... eu por exemplo meus filhos não tiveram convivência nem com meu pai nem com minha mãe... porque:: em primeiro lugar depois eles vieram pra pra cá pro Rio Grande do Sul... mas éh::... nós estava sempre transferido né de um lado pro outro... então meus
- 690 filho não tiveram convivência com meus pais... mas é não foi fácil... mais é como eu digo e eu digo uma coisa eu não me imaginava chegar aos oitenta anos... já tô com oitenta e um...

- D: [((risos))
- 695 L: minha mãe morreu com setenta e três... ela caiu um tombo quebrou um
perna ficou na casa dessa minha irmã que mora em Carai... tá com oitenta e
sete anos agora... e ela disse ela trabalhava “mãe se tu precisa ir no banheiro
tu pega ela tinha uma empregada tu pede pra fulana te levar no banheiro não
vai inventar de descer sozinha” mas tu já penso uma pessoa que toda vida não
700 esperou por NINGuém fazer as coisa ela me levanta assim e pois decerto fraca
ela sentiu que a perna dela trava e fraqueza de tá na cama também... aí ela
foi... ela desceu da cama e caiu quebrou a bacia...
- D: [
nossa
- 705 L: fico cinco anos em cima de uma cama... porque o problema dela não tinha
como ligar os ossos pela idade e outra... ela tinha osteoporose... coisa mais
triste cinco anos a minha mãe ficou na cama... então a coisa que eu não me
conformava e que eu vejo que eu aprendi muito no espiritismo foi o seguinte...
a minha mãe era uma pessoa que servia Deus e todo mundo... precisava VER
710 pra ela não tinha tempo frio não tinha nada... precisavam ela estava pronta e
saia correndo... e sofreu TANTo até morrer... eu não me conformava... diz que
Deus é Jesus era todo poder e bondade... mas porque que uma pessoa como
a minha mãe que foi praticamente uma santa tá sofrendo tanto?... que eu não
me conformava... depois que ela morreu foi nos/lendo o livro espírita que eu me
715 conformei mais com aquilo né... porque eu não aceitava aquilo ali... que pra
mim não era... foi aí que eu comecei a entender mais a vida... por exemplo
Hoje... eu sou uma pessoa assim... eu senti a morte do meu filho... senti a
morte do meu marido meus filho... mas não faço auê não faço nada... eu
sinto... quero guardar na minha memória os momentos que a gente viveu junto
720 né... porque se chorar pular gritar e passar dia e noite no cemitério não traz
mais de volta... é a única coisa que tu não mais não traz... eu disse esses dias
pro Zé... “Zé BENS materiais a gente ganha perde e vai lutar pra ganhar de
novo agora vida humana não tem mais”... depois de nós se ir não tem volta
mais... então eu quero que vocês aproveitem e entendem isso...
- 725 D: e:: o que ia lhe pergunta ah:: a senhora disse que casou com dezessete
anos isso
- L: [dezessete é
- D: e o marido tinha quantos anos?
- L: trinta
- 730 D: ata
- L: é porque eu tinha dito que teu pai/avô ((refere-se ao ouvinte presente na
conversa)) “olha pai se eu não me casar”... ele mesmo disse... “até os trinta
anos eu não me caso mais” e não é que nós casemos ele fez trinta
- 735 D: [ahan
- L: em dezesseis de janeiro e dia vinte e nove de janeiro nós casemos...
- D: ata... casou
- L: tive um... quale/quase... quer dizer o sonho dele era fazer as bodas de
ouro... mas infelizmente não conseguiu...
- 740 D: e a convivência a senhora teve mais irmãos?... quantos irmãos?
- L: eu tive::... nós erámos em sete filhos...

- D: sete
L: é
D: todos se davam bem?
- 745 L: é não porque a maioria deles depois... quando criança a gente viveu junto né
[
D: ahan depois
L: depois começaram a casar... por exemplo eu tenho um irmão que mora...
tenho um irmão mais novo mora em Erechim... a outra mora em Passo
750 Fundo... a outra mora em Carazinho... e o outro que faleceu agora a pouco
tempo morava em Uruguaiana...
D: um em cada cidade
L: é um em cada cidade... então depois que ficou tudo adulto a gente
praticamente não teve muita convivência né...
755 [
- D: ahan
L: foi... agora essa minha irmã que foi pra Camboriú queria que eu fosse lá... eu
não vou deixar os meus filho adotivos os pobrezinho sozinho aí...
760 D: [((risos))
L: ela fica braba comigo... aí eu sou assim... eu não sei eu digo eu tenho um
coração assim engraçado... tem um cachorrinho ali eu vou lá cuida o
cachorrinho pra comer pra não deixar os grande judiar... me dou a esse
trabalho pra um cachorrinho e o animalzinho não é nem meu...
765 [
- D: ((risos))
L: mas eu... e eu tenho uma coisa comigo também... eu tenho as coisas que
não me serve... que eu não estou precisando mais que não está me servindo
mais eu pego e dou... eu não tenho pena... eu não sou apegada aos bens
770 materiais... eu pego e dou... ah se tem uma coisa que não serve mais pra mim...
ah tem um monte de gente que tá precisando vamos dar pra ele... agora se é
uma pessoa que tem que ela tá só por cobiça... ah não porque... eu posso
vender pra ela... vou ver eu posso vender mais barato mas não dou... que as
pessoas tem que aprender que dar o valor naquilo que tem... então eu VENdo
775 barato mas vendo... agora se é uma pessoa... agora peguei... agora tem um
monte de coisa pra levar lá pra/pro asilo dos velhinho...
D: ah sim
L: roupa... calçado... calçado nem tanto mas essas roupas de inverno essas
coisas tudo aí... pra que que eu vou ficar com uma coisa enchendo o guarda-
780 roupa enchendo tudo... não... não tem... vou dar pra quem precisa...
D: muito obrigada pela sua entrevista...
L: não... não tem porque... só tem uma coisa... só fiquei te devendo as gírias as
antigas...
Ouvintes: ((riso)) mas (já disse)... esqueceu das gírias...